

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

CAMILA CRISTINA STAATS PIRES

ORIENTADORA MARIA DA GRAÇA AGOSTINHO

PARQUE URBANO DO BAIRRO ESTREITO

FLORIANÓPOLIS

2019

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
CAMILA CRISTINA STAATS PIRES
ORIENTADORA MARIA DA GRAÇA AGOSTINHO

PARQUE URBANO DO BAIRRO ESTREITO

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Arquiteta e Urbanista.

FLORIANÓPOLIS
2019





Aos meus pais.

Resumo

O Presente trabalho apresenta a proposta de intervenção urbana que pretende converter a área ocupada pelo 63º Batalhão de Infantaria no bairro Estreito/Florianópolis-SC em um parque urbano, qualificar o entorno próximo e proporcionar a cidade uma alternativa ao atual cenário escasso de espaços públicos qualificados. A escolha da área que pertence ao 63º Batalhão de Infantaria do Exército para a proposta de intervenção urbana se justifica pela importância do local como centralidade no bairro Estreito, para resgatar aspectos da natureza original local e proporcionar aos moradores do bairro e da região metropolitana de Florianópolis um espaço de convivência, esporte, contemplação e lazer. A partir do estudo de referenciais teóricos e com base de dados já existentes pode-se entender a definição da temática pertinente ao projeto. Pesquisas bibliográficas, documentais e legislação, análises de ortofotos e imagens de satélite foram utilizadas para viabilizar a proposta. Trabalhos de campo foram realizadas para auxiliar na elaboração do estudo do contexto urbano. Com as informações coletadas, foi desenvolvido a etapa de diagnóstico da área para entender suas necessidades, problemáticas e condicionantes. Com a descrição da proposta e o diagnóstico da área foram elaborados uma série de mapas e análises que possibilitaram a compreensão da área, e permitiram o estudo da estrutura urbana local. A pesquisa e análise de referências projetuais de propostas equivalentes ao tema em questão contribuíram no desenvolvimento de alternativas e decisões projetais empregadas para dar consistência ao projeto. O estudo da legislação vigente também foi fator importante para a proposta apresentada. A implantação de um Parque Urbano, como propõem o presente trabalho, pode, com preceitos da ecogênese, resgatar características e espécies que existiam ali originalmente e assim dar oportunidade para uma nova natureza se estabelecer na área. A intenção desta proposta de trabalho de conclusão de curso é despertar no imaginário coletivo, a perspectiva de uma realidade diferente da que foi efetivada em Florianópolis e no bairro Estreito até então, transformando uma grande área degradada e subutilizada em um ambiente para resgate da natureza, humanizado para possibilitar práticas de convivência e livre para a apropriação coletiva.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo, Sistema de espaços livres, Espaço Livre Público, Parque Urbano, Bairro Estreito.





SUMÁRIO

CAP. 01

INTRODUÇÃO

Apresentação - 01
Localização - 02
Objetivos - 03
Metodologia - 04

CAP. 02

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sistema de Espaços Livres - 06
Espaço Livre Público - 07
Parque Urbano - 09

CAP. 03

DIAGNÓSTICO DA ÁREA

Condicionantes Ambientais - 13
Contexto Histórico - 15
Sistema de Espaços Livres - 19
Legilação - 23
Morfologia Urbana - 25
Leitura do Contexto Urbano - 31

CAP. 04

REFERENCIAL PROJETUAL

Parque da Juventude - 37
Parque Ribeiro
do Matadouro - 41
Parque da Gleba E - 43

CAP. 05

PARTIDO GERAL

Premissas - 47
Diretrizes Gerais - 47
Programa de Necessidades - 51
Zoneamento - 52
Proposta Inicial - 54

CAP. 06

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusão - 61

CAP. 07

REFERÊNCIAS

Referências - 62

01.INTRODUÇÃO

Apresentação

A proposta de intervenção urbana do presente trabalho pretende converter a área ocupada pelo 63o Batalhão de Infantaria no bairro Estreito/Florianópolis-SC em um parque urbano. Qualificando o entorno próximo e proporcionando à cidade uma alternativa ao atual cenário escasso de espaços públicos qualificados. Num contexto contemporâneo atento aos anseios e lutas por cidadania e qualidade de vida urbana na conversão de vazios urbanos ou área sub-utilizadas em "parques justificavam sua criação, enumerando objetivos sociais: reduzir conflitos de classe, reforçar a unidade da família, socializar imigrantes, conter doenças e educar cidadão" (SAKATA, 2018, p.47-49).

O sistema de espaços livres é fundamental na composição das cidades, na configuração da paisagem urbana, na história local e na construção de uma memória coletiva. São nos espaços livres de edificações que a vida cotidiana acontece e ali a esfera pública se concretiza. Esses espaços livres também são vitais para que componentes ambientais estejam presentes na cidade e exerçam seu papel no espaço urbano: drenagem, preservação, controle de temperatura e qualidade do ar, dentre outros (CUSTÓDIO e col., 2018).

A escolha da área que pertence ao 63o Batalhão de Infantaria do Exército para a proposta de intervenção urbana se justifica pela importância do local como centralidade no

bairro Estreito, para resgatar aspectos da natureza original local e proporcionar aos moradores do bairro e da região metropolitana de Florianópolis um espaço de convivência, esporte, contemplação e lazer.

Num contexto de convivência e humanização para o bairro Estreito é importante manter "a premissa de que o parque urbano pode contemplar o lazer urbano como seu principal papel, o qual precisa ter grandes dimensões e ser estruturado por vegetação, água ou relevo" (SAKATA, 2018, p.82). Essas características foram incorporadas ao estudo para desenvolvimento da proposta de partido geral para o Parque Urbano. As diretrizes gerais foram pensadas considerando o impacto de um equipamento deste porte na dinâmica da cidade e na seu caráter estruturador em um sistema de espaços livres que dialogue com as demandas do contexto urbano atual.

A intenção desta proposta de trabalho de conclusão de curso é despertar no imaginário coletivo, a perspectiva de uma realidade diferente da que foi efetivada em Florianópolis e no bairro Estreito até então, transformando uma grande área degradada e sub-utilizada em um ambiente para resgate da natureza, humanizado para possibilitar práticas de convivência e livre para a apropriação coletiva.

Localização

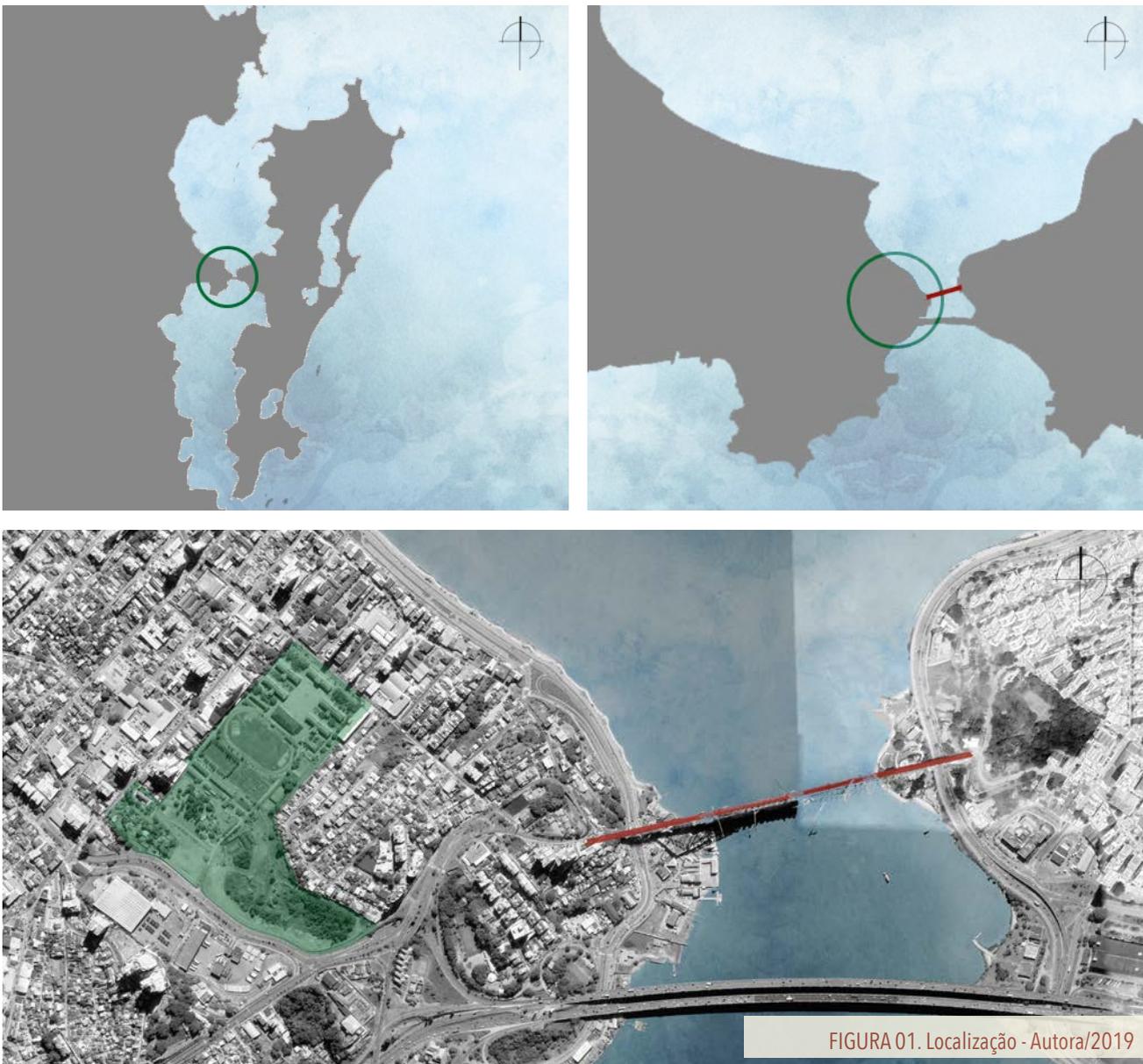


FIGURA 01. Localização - Autora/2019

Objetivos

Objetivo Geral

Desenvolver o projeto paisagístico de um parque urbano na porção continental de Florianópolis (no bairro Estreito), na área hoje pertencente ao 63o Batalhão de Infantaria do Exército.

Objetivos Específicos

Elaborar revisão bibliográfica (referenciais teóricos e projetuais) relacionada ao tema de sistemas de espaços livres, espaço livre público e parques urbanos.

Elaborar estudo sobre a área de intervenção, levantamento das áreas livres do entorno e sua inserção no tecido urbano. Compreender o processo histórico de ocupação e transformação da área.

Realizar e analisar a leitura do contexto urbano da área.

Analisar a legislação urbana pertinente.

Elaborar a proposta de projeto paisagístico, etapa de partido geral no TCCI.

Desenvolver a proposta de projeto paisagístico, etapa de anteprojeto, no TCCII.

Metodologia

Para desenvolvimento do referencial teórico será realizada a revisão bibliográfica com leitura em livros, revistas, artigos com temas que se relacionem com a intervenção proposta.

Será desenvolvido um diagnóstico com base em dados existentes da área, com a elaboração de mapas intencionando o estudo da estrutura urbana.

Será feita pesquisa e análise de referências projetuais de propostas equivalentes ao tema em questão.

Será feita visita ao local para elaboração do estudo de leitura do contexto urbano.

Será realizado estudo da legislação vigente.

02. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

"É provável que existam tantos modos diferentes de se conceber o que é uma cidade quantas são as cidades existentes. O mais simples diz que uma cidade é um assentamento humano no qual estranhos irão provavelmente se encontrar"

_Sennet (1988, p.58)

Sistema de Espaços Livres

A cidade, o lugar onde o ser humano estabelece sua vida e suas relações, engloba algo muito maior que o seu espaço geográfico de abrangência, ali “é exercida a prática política pela comunidade de seus cidadãos, (...) a cidade no sentido da participação dos cidadãos na vida pública” (ROLNIK, 1988, p.22).

Ainda assim seu território físico é passível de uma série de arranjos e classificações. Conforme conceitua CUSTÓDIO e col. (2013, p.02), “toda cidade é constituída por espaços livres e espaços edificados, numa relação de vazios e cheios, de áreas abertas e fechadas”, que dão suporte para a vida em comunidade acontecer.

Os espaços livres são por definição de Miranda Magnoli (1982), todos os espaços ‘livres de edificação’, ou seja, todos os espaços descobertos, sejam eles urbanos ou não, vegetados ou pavimentados, públicos ou privados. Desta maneira, o estudo dos espaços livres vai muito além das áreas verdes, dos espaços vegetados, dos espaços públicos, ao envolver todos os espaços livres (QUEIROGA, 2011, p.27).

O principal espaço livre urbano é a rua, pública por excelência, essencial para conectar pessoas, lugares e os demais sistemas formadores de uma cidade, é nela que a vida cotidiana acontece. Segundo Preto (2009, p.32) “as vias são uma categoria primordial do sistema já que são o primeiro nível na gradação privado-público; é nelas que se estabelece o primeiro contato do cidadão com a vizinhança e sua cidade”.

A palavra sistema vai de encontro à ideia que estes espaços livres de edificação se relacionam de forma dinâmica, mesmo que não estejam conectados fisicamente (CUSTÓDIO e col., 2013). Assim o Sistema de Espaços Livres (SEL) se estabelece como agente conformador na paisagem urbana e possibilita o acontecimento de eventos essenciais para uma plena vida em comunidade, como “atividades do ócio, circulação urbana, conforto, conservação e requalificação ambiental, drenagem urbana, imaginário e memória urbana, lazer e recreação, dentre outros” (CUSTÓDIO e col., 2011).

Em um recorte específico dos componentes do sistema de espaços livres nos deparamos com os espaços livres públicos. O espaço público em um entendimento que vai além da propriedade pública, mas como suporte físico para a realização da esfera pública (BENFATTI e QUEIROGA, 2007).

Se a vida privada e social tem nos espaços edificados seu maior suporte, a vida pública tem nos espaços livres, sobretudo nos espaços livres públicos, seu maior suporte físico-material para ocorrer, são eles os espaços de maior acessibilidade, de maior capacidade para receber a diversidade, a pluralidade e o imprevisível, características de uma esfera pública mais rica (QUEIROGA, 2011, p31).

A rua por mais plural e diversa não supre todas as demandas sociais de um espaço público de convivência. Para uma vida urbana diversificada os locais públicos devem responder a escalas diversas, com um desenho que pode atender pequenos grupos e/ou grandes demandas populacionais. “A vida cotidiana e a esfera pública apresentam diversas formas de apropriação do espaço livre, variando em função das demandas dos diversos grupos sociais, do clima e sua sazonalidade,(...) da inserção do referido espaço em relação ao sistema de espaços livres” (QUEIROGA, 2011, p.33). A diversidade urbana deve ser incentivada, com espaços que possam atender as mais variadas práticas de apropriação pública; ruas, praças, parques, bosque, etc.

Entretanto, a cidade atual, resultado de um processo histórico de construção do espaço urbano, lida com a gestão da frota de veículos automotores que domina os espa-

ços livres nas cidades. A quantidade de automóveis continua crescendo no Brasil, e isso implica numa ampliação das redes de estradas e conexões viárias, que consomem investimentos públicos sem resolver os problemas de mobilidade das grandes e médias cidades. Resultado deste panorama é um tecido urbano fragmentado por rodovias e com espaços públicos esvaziados e enfraquecidos. “O aparelhamento de infraestruturas é desigual pelo território das cidades, inclusive a provisão de espaços livres. As porções mais ricas são mais servidas de espaços livres tratados, tanto em qualidade como em quantidade” (SAKATA, 2018, p.131).

Nas últimas décadas, uma contracorrente urbanística, reflexo de demandas sociais, buscou com intervenções urbanas resgatar a vitalidade de espaços públicos. “Movimentos de moradores se organizam para defender a qualidade de vida dos bairros e há uma espécie de consenso social em torno da necessidade de lutar por essa melhoria (...) independente da maior ou menor inserção na cidade e da condição social” (ROLNIK, 2000, p.03).

Se reforçarmos a vida na cidade de modo que mais pessoas caminhem e passem um tempo nos espaços comuns, em quase todas as situações, haverá um aumento da segurança, tanto da real quanto da percebida. A presença de “outros” indica que um lugar é considerado bom e seguro. Há “olhos nas ruas” e frequentemente, também “olhos sobre as ruas”, porque seguir e acompanhar o que acontece nas ruas acabou se tornando algo significativo e interessante para os usuários dos edifícios do entorno (GEHL, 2015, p.99).

A vitalidade urbana está relacionada não só aos espaços públicos, sua dimensão e qualidade do projeto desenvolvido, mas à apropriação humana desses locais. Para tanto é preciso primeiro que o espaço livre público esteja presente nas cidades, bem tratados e bem localizados. É importante resgatar o caráter do espaço cidadão, conceituado por Abrahão como um “espaço urbanístico, cultural e político, cuja configuração espacial considerava de fundamental relevância para a forma da cidade” (2008, p.48). Um local público onde todos se sintam acolhidos e convidados a ocupar e se apropriar do espaço.

Precisamos de todos os tipos de diversidade, intrincadamente combinados e mutualmente sustentados. Isso é necessário para que a vida urbana funcione adequada e construtivamente, de modo que a população das cidades possa preservar (e desenvolver ainda mais) a sociedade e a civilização. Os órgãos públicos e semipúblicos são responsáveis por alguns dos empreendimentos que ajudam a construir diversidade urbana - como parques, museus, escolas, a maioria dos auditórios, hospitais, certos escritórios, certas moradias. (JACOBS, 2012, p.267)

Para tanto, é preciso estimular o uso do local público para além de mera formalidade administrativa - fruição de veículos, pessoas e distribuição de mercadorias - e incentivar, com intervenções urbanas, relações de dimensões coletivas construídas em sociedade.

“Na verdade, o espaço público vai diminuindo ao ser capturado e privatizado, restando apenas e tão somente aqueles necessários para a circulação de mercadorias, inclusive de mercadorias humanas; esvazia-se a dimensão coletiva e o uso multifuncional do espaço público, da rua, do lugar de ficar, de encontro, de prazer, de lazer, de festa, de circo, de espetáculo, de venda. Assim, funções que recheavam o espaço público e lhe davam vida migraram para dentro de áreas privadas, tornando-se, em grande parte, um espaço de circulação”

_Rolnik (2000, p.04)

Parque Urbano

O parque urbano surge em resposta a cidade industrial, a partir do século XIX. “Foi concebido como um espaço público urbano que pressupõe oposição ao que a cidade representa” (SAKATA, 2018, p.43). Era uma forma de permitir o contato com a natureza e compensar as condições de vida e moradia insalubres predominantes na época. No Brasil, ainda antes da urbanização, o parque surge para atender as demandas de elite em alusão ao que ocorria na Europa no mesmo período.

A urbanização rápida e sem parâmetros técnicos que transformou o Brasil, faz parte de um acontecimento que se repetiu em outras partes do mundo. “Pela primeira vez na história, logo após a virada do milênio, a maior parte da população global é urbana e não rural. As cidades cresceram rapidamente e o crescimento urbano vai continuar acelerado nos próximos anos” (GEHL, 2015, p.06). Assim os locais públicos que reforçam o papel social do espaço da cidade se fazem cada vez mais importantes, tanto para garantir o contato com a natureza, como também para possibilitar o encontro de pessoas.

O parque também deve oferecer equipamentos de lazer para recreação coletiva tanto em quantidade como em variedade. Inúmeros autores compartilham da visão de que o parque público urbano é a delimitação de um trecho de sítio dentro da cidade, com predominância de recursos naturais e destinado à apropriação de lazer pela população. Magnoli (2006) atribui a característica da dimensão aos parques públicos. Seriam os elementos integrantes ao Sistema de Espaços Livres responsáveis por promover o reencontro do homem com a natureza. Os parques públicos seriam protagonistas dentro deste sistema de espaços da cidade, podendo haver variações quanto à sua dimensão: ‘escalas, abrangências e ritmos’ (SAKATA, 2018, p.45).

O isolamento e a independência do meio urbano, típica do parque, talvez não seja o mais interessante para a realidade das cidades brasileiras, ainda inseguras. “O parque urbano contemporâneo brasileiro é um espaço público, que se insere ou que tangência malhas urbanas. É figura urbana híbrida que resultou na fusão dos conceitos de parque urba-

no, destinado à recreação de massa, com o parque natural, destinado à conservação ambiental” (SAKATA, 2018, p.86).

O parque urbano surge como forma de lazer integrada a vida urbana, sem que seja um acontecimento reservado aos finais de semana. “O lazer encarnado na cidade, estreitando a relação de uns cidadãos com os outros, ou seja, um lazer com funções pessoais e sociais, identificando com a dimensão pública da cidade. O lazer passa a ser o componente primordial da denominada qualidade de vida.” (ROLNIK, 2000, p.02-03).

É essencial que haja integração de políticas públicas e que tenham um enfoque na concepção de espaços públicos de lazer. Compreendendo que um ambiente com microclima adequado, vegetado é item de saúde pública, “assim como oportunizar espaços livres voltados ao lazer e atividades físicas contribui para a qualidade de vida da população; (...) a rua é espaço do cidadão e não deste ou daquele veículo” (QUEIROGA, 2011, p.35). Planejar o espaço urbano reservando áreas públicas para usufruto da população é essencial para um desenvolvimento humano sustentável. Sua viabilização e implementação, no entanto, envolve um conjunto de mobilização de políticas públicas e organização social.

Utilizamos o conceito de lazer no sentido estrito, limitado de tempo do não-trabalho ou, até, em oposição ao trabalho. (...) a cidade possibilita ou impede a fruição do tempo livre? Se, por exemplo, ao dirigirmo-nos a um parque ficamos presos em um congestionamento durante quatro horas, estamos diminuindo radicalmente o tempo para relaxamento, para o lazer. Nesse sentido, quando a cidade se transforma em um lugar absolutamente inóspito, sem qualquer possibilidade de prazer, ao invés de um lugar onde as pessoas se sintam inseridas na harmonia de uma comunidade urbana, o lazer estará restrito a espaços e tempos determinados. Essa situação agrava-se ainda mais porque não se vive o lazer de forma abrangente, como uma idéia de prazer percorrendo o cotidiano, inclusive o tempo de trabalho e o dedicado às atividades necessárias para a sobrevivência (ROLNIK, 2000, p.02).

A distribuição de espaços livres para serem apropriados pelo uso humano está associada às formas (quantidade

e qualidade) de acessos, sua configuração espacial que deve ser permeável por meios diversificados de locomoção. “Organizar, defender e fomentar a convivência entre pessoas diferentes, diminuindo a segregação e as distâncias sociais, suprimindo os guetos, atuando com solidariedade, como uma coletividade que amplie, incentive e aumente a comunicação entre os projetos de vida pessoais e coletivos” (ROLNIK, 2000, p.05). Um sistema de espaços livres de lazer articulados, de forma a proporcionar um espaço urbano com desenho de qualidade e que fomente o convívio humano, fala sobre a prioridade dada as pessoas no planejamento e gestão pública da cidade. “Os parques urbanos são inseridos na urbanização como parte dos espaços livres de edificação. Sob esse aspecto, sua distribuição nas várias escalas de urbanização é parte de um projeto da sociedade sobre sua cidade como um todo” (MAGNOLI, 2006, p.200).

O parque urbano também serve como artifício de resgate ambiental nos centros urbanos. Além de restaurar a paisagem local natural, propicia um espaço para trocas entre pessoas/pessoas e pessoas/natureza. A legislação atual conta com artifícios para viabilizar a implementação de equipamentos de uso público/comunitário e de preservação ambiental.

A Política Nacional do Meio Ambiente, estabelecida em 1981, alterou o enfoque legal precedente, voltado para a utilização dos recursos naturais para fins econômicos, ao considerar o meio ambiente um patrimônio público de uso coletivo. A esses esforços de proteção ambiental, somaram-se os de preservação, reestruturação e desenvolvimento urbanos, através das Leis Orgânicas e Planos Diretores estabelecidos na década de 1990“

_FARAH e col. (2010, p.140-141).

Nota-se o crescimento da demanda pela arborização e pela inserção da vegetação na cidade ao mesmo tempo em que se percebe que nem nos bairros de alta renda ela é privilegiada (...). A arborização de rua, assim como a vegetação de porte, como matas, bosques, etc. são elementos estruturadores da forma e da paisagem urbana do mesmo modo que as construções e o suporte físico. (CUSTÓDIO e col. 2013, p.08)

Parques urbanos são espaços livres nas cidades, possuem dimensões generosas, e tem seu uso destinados a atividades sociais, lazer e esporte. “São estruturados pela vegetação, pela água, pelo relevo ou por todos estes elementos combinados, foram considerados parques por seu papel de lazer e práticas sociais” (SAKATA, 2018, p.83). Se fazem cada vez mais necessários no contexto urbano atual pois exercem papel de conservação de recursos naturais e recuperação da paisagem natural.

A ecogênese é um “conceito de intervenção na paisagem, no sentido da recuperação ambiental do ecossistema degradado” (CURADO, 2007, p.92). Surge para atuar em cenários de degradação da paisagem e de seus elementos naturais, resgatando as espécies botânicas originais do local e mesclando seu cultivo com espécies exóticas de bom convívio e adaptação, criando uma “nova natureza” diante de uma devastação ambiental que antes parecia irreversível.

03. DIAGNÓSTICO DA ÁREA

Originalmente o Batalhão de Infantaria se instalou no Campo do Manejo, onde atualmente está localizado o Instituto Estadual de Educação, no Centro de Florianópolis. A transferência das instalações do exército para o bairro Estreito ocorreu na década de 1940.

Atualmente o complexo conta com a Área de Treinamento e Administração, em verde no mapa, duas vilas

de residências militares, o complexo com as residências do alto comando, dois hotéis de trânsito e uma área de lazer para militares.

O espaço de treinamento (em verde escuro no mapa) conta com aproximadamente 155.000 metros quadrados, 20 metros de desnível entre a cota mais alta e a mais baixa da área e um lago artificial.



FIGURA 02. Fotografia Aérea - David Isac Azevedo/2019

- Área intervenção
- Área 63o Batalhão de infantaria
- Edificações históricas
- Lago
- Ponte Hercílio Luz
- Vias entorno
- Forte

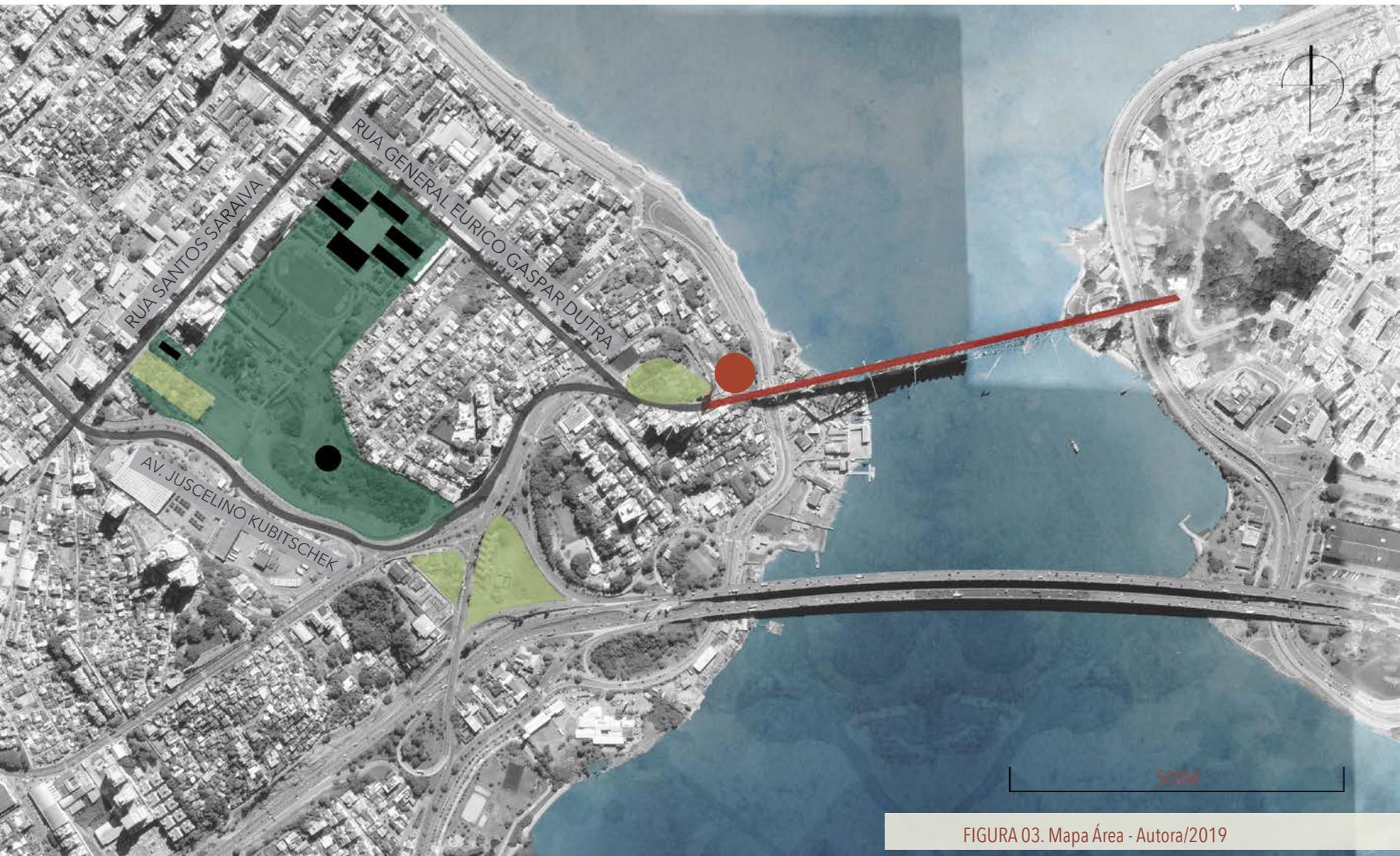


FIGURA 03. Mapa Área - Autora/2019

Condicionantes Físico-Ambientais

O nome Estreito faz referência a localização geográfica do “Estreito de Desterro”, que acontece na menor distância entre a Ilha de Santa Catarina (Desterro) e o continente. É nesse estreitamento que se formam a Baía Sul e a Baía Norte, que limitam o continente no encontro com o mar. O bairro Estreito está localizado na orla da baía norte, no acesso terrestre à ilha, pela ponte Hercílio Luz. A natureza original local* se encontra devastada e há apenas alguns núcleos vegetados.

O relevo do bairro conta com uma planície à borda da baía e morros suaves que se elevam em direção ao continente. A ponte Hercílio Luz foi implantada em uma das poucas elevações a beira da baía. É possível observar, nas curvas de nível marcadas na figura ao lado, o grande desnível existente na área de intervenção e suas proximidades. Essa elevação sofreu com a ação humana, que interferiu na paisagem natural durante o processo de abertura de vias para acessos às Pontes Colombo Salles e Pedro Ivo, mas ainda assim apresenta um desnível significativo, especialmente na área de estudo.

A baía possui mar calmo, oscila apenas com as variações de maré. Uma condicionante ambiental importante é a forte influência do vento Sul, caracterizado como frio e seco. No bairro também há a incidência do vento Noroeste, mais quente e ameno.

Os córregos não estão mais integrados à paisagem do bairro, pois a grande maioria foi canalizados durante o processo de ocupação e urbanização da área e outros foram simplesmente aterrados, sendo que muitas nascentes se encontram cobertas ou assoreadas. Há no entanto um processo de recuperação ambiental em curso na área de estudo, fomentado pelo Batalhão responsável, que já conta com a recuperação de nascentes de água (que atualmente alimentam um lago artificial), viveiro de mudas e processo de compostagem para enriquecimento do solo.

A implantação de um parque urbano, como propõem o presente trabalho, pode, com preceitos da ecogênese, resgatar características e espécies que existiam ali originalmente e assim dar oportunidade para uma nova natureza se estabelecer na área.

* A cobertura vegetal original da área, segundo o Atlas de Florianópolis, era formada pela Floresta Ombrófila Densa, uma Floresta Tropical Úmida. Estende-se em dois habitats; Planície Quaternária Litorânea e Encosta dos Morros Pré-cambrianos.

■ Área intervenção ■ Áreas livres públicas ■ Mar ———— Curvas Nível

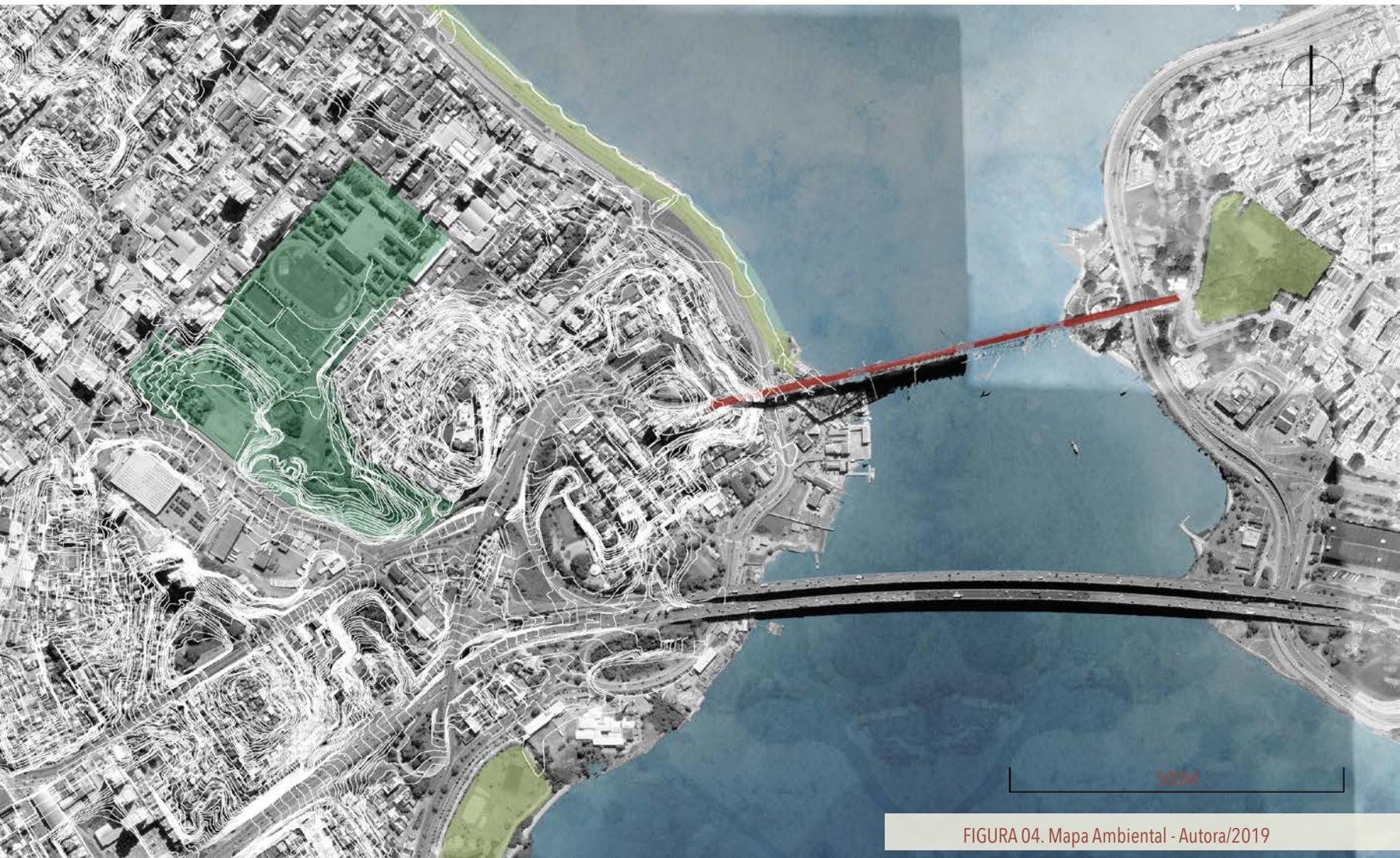


FIGURA 04. Mapa Ambiental - Autora/2019

Contexto Histórico

O início da ocupação do bairro Estreito remota a construção do Forte São João do Estreito, para defesa militar, por volta de 1790. “Erguido numa eminência quase à margem do Estreito, franceando o Forte Santana” (SOARES, 1990, p.18). Progressivamente um pequeno assentamento se forma nas proximidades servindo de amparo às remessas enviadas do continente à ilha.

A principal atividade econômica, nos primórdios do bairro estava vinculada ao Matadouro, instalado às margens da baía em 1842, em posição estratégica para enviar a carne de gado proveniente de Lages à Capital. Por isso, os moradores do Estreito eram conhecidos como tripeiros, dada a ocupação predominante que exerciam, limpando miúdos de animais e vendendo-os nos arredores (na vizinhança) em seus carros de boi (SOARES, 1990).

A inauguração da Ponte Hercílio Luz em 1926 impacta uma mudança na dinâmica do bairro, influenciando a abertura de novas vias e eixos viários. É durante esse período (década de 1930) que terrenos são loteados no Balneário de Estreito e o perfil socioeconômico do bairro começa a se transformar (SOARES, 1990). Na figura abaixo é possível perceber como o centro, em primeiro plano na imagem, já se encontra bem desenvolvido enquanto o continente, ao fundo, ainda apresenta aspecto rural.



FIGURA 05. Fotografia aérea de Florianópolis - Casa da Memória/Década de 1930

Em 1934, na posição de interventor Federal do Estado de Santa Catarina, Nereu Ramos doou ao Governo Federal um terreno para a construção de uma nova área que comportasse o 14º Batalhão de Caçadores no continente (Continente), área que foi anexada aos lotes adquiridos pelo Exército. Atualmente localizado na rua General Eurico Gaspar Dutra, 831 (Estreito, Florianópolis - SC), o conjunto é constituído de seis edifícios históricos, inaugurados em agosto de 1936, ainda preservados e em uso. Abaixo é possível perceber o contexto do Estreito durante a construção do complexo.



FIGURA 06. Fotografia da área - 630 Batalhão de Infantaria/Década de 1930

O bairro Estreito inicialmente pertencia a cidade de São José, passando pela categoria de vila, até que em 1943 com a revisão territorial do estado de Santa Catarina, o Estreito foi anexado à Florianópolis, permitindo a capital uma possibilidade de expansão territorial e aumento populacional.

O Estreito manteve seu caráter rural até a década de

1950, apenas com a elaboração do primeiro plano diretor de Florianópolis, que passou a prever expansão urbana em direção ao bairro e implementou uma série de artifícios urbanísticos. Com a chegada da década de 1960, o mercado imobiliário impulsiona uma nova fase de desenvolvimento na Capital, que passa a influenciar a gestão da cidade e concomitante transforma também o bairro, que passa a desfrutar de um status mais residencial (AZEVEDO, 2019).

Na década de 1970 realizam-se aterros para a expansão viária, alterando significativamente a configuração formal da paisagem urbana, expandindo o domínio do bairro em direção ao mar. Nesta década que se iniciou a expansão da infraestrutura urbana no bairro, proporcionando aos moradores acesso a serviços e comércios, servindo ainda de sede a importantes órgãos institucionais, como o DETRAN. A imagem abaixo, da década de 1970 mostra em primeiro plano o bairro Estreito durante a construção da Ponte Colombo Salles (AZEVEDO, 2019).



FIGURA 05. Fotografia aérea da área - Casa da Memória/Década de 1970

O bairro Estreito possui perfil com residências unifamiliares e edifícios residenciais de gabarito baixo, mantendo-se estável durante as décadas de 1980 e 1990, se alterando a partir dos anos 2000, quando o bairro voltou a atrair investimentos do mercado imobiliário como alternativa de expansão e crescimento para a cidade, mantendo ainda a predominância do uso residencial.

Na última década (2010), novos empreendimentos imobiliários privados impactam mudanças na dinâmica do bairro Estreito. Podem ser observadas na transformação de conjuntos residenciais que saem de cena para dar espaço a novas torres de edifícios, os quais mesclam diversos usos e impactam a paisagem do bairro. Neste contexto, ocorre significativo aumento populacional, assim como acontecem mudanças de hábitos dos moradores, sem que haja um efetivo investimento em espaços livres qualificados para o bairro. Na figura abaixo, em uma vista aérea do ano de 2019, é perceptível as novas edificações de alto gabarito, que começam a pontuar a paisagem do bairro Estreito.



FIGURA 08. Fotografia aérea da área - David Isac Azevedo/2019

Linha do tempo do processo de ocupação urbana a partir da análise de fotos aéreas e imagens de satélite*

A malha viária começa a se desenvolver e adquirir um traçado mais complexo de aruamentos. Enquanto as primeiras experiências com aterros começam a transformar o centro de Florianópolis, no Estreito o limite geográfico com o mar permanece inalterado. Entretanto a cobertura vegetal já começa a ceder espaço à ocupação urbana.

1957



1938

No primeiro registro aéreo de Florianópolis a sede do 63o Batalhão de Infantaria já era percebida no local. O acesso à Ponte Hercílio Luz (recém-inaugurada) acontecia pela via que originou a rua Santos Saraiva, estruturante para a malha viária do bairro Estreito atualmente. É possível perceber o limite geográfico original do continente, antes das intervenções dos aterros.



1977

A ação humana transforma efetivamente a paisagem do bairro, com a alteração do relevo local, pelo desmonte de morros que serviram para estruturar o aterro realizado na baía sul do Continente. A baía foi transformada para receber a nova Ponte Colombo Salles.

O adensamento do bairro é refletido nas pequenas residências que ocupam o território do bairro Estreito. Mesmo à margem do mar, as edificações são próximas entre si e localizadas no limite da baía norte. Houve a ampliação da malha viária com a construção da terceira ponte, Pedro Ivo e abertura da Via Expressa, a BR-282.

1994



2009

Com a ocupação urbana do bairro Estreito já conformada, a ampliação da orla marinha passa a ser viabilizada com a execução de mais um aterro. Na imagem acima é possível perceber a faixa de terra anexada ao continente, às margens da Baía Norte.

O registro mais recente demonstra que as áreas livres do Estreito e do Centro foram suprimidas com o desenvolvimento do município de Florianópolis. Os núcleos de espaços vegetados se tornaram restritos, imprimindo uma desvalorização paisagística urbana, sem áreas de lazer.

2019



Mobilidade

Quanto a situação do bairro Estreito é importante salientar sua localização às margens da BR-282, que dado seu caráter de via expressa e trânsito rápido, se impõem como ruptura no tecido urbano e atua como ruído entre uma comunicação direta com outros bairros do continente, em especial Coqueiros, que se encontra logo a outra margem da via e conta com um importante equipamento público de lazer, o Parque de Coqueiros.

No mapa de Sistema Viário é possível observar na cor preta a BR-282 e sua imponência quando comparada ao seu entorno. As vias arteriais servem de suporte a BR-282 e ao acesso à ilha. Coletoras são as que interligam os bairros, despontando nas vias locais, que por sua vez ligam os lotes privados a malha urbana.

No traçado das vias é possível perceber que as ruas mais orgânicas e sinuosas marcam uma ocupação em simbiose com relevo e paisagem natural, pois se estabeleceram no que antigamente eram trilhas e leito de córregos, se adaptando a topografia. As ruas com traçado ortogonal são resultado de um parcelamento do solo racional, porém executados com poucos parâmetros técnicos, já que configuram ruas longas com grandes quadras. Esse traçado implica em um percurso maior para deslocamentos.

As ruas não possuem calçadas contínuas e conservadas. A rede de calçadas é frequentemente interrompida por acessos a garagens e estacionamentos. As ciclovias/ciclofaixas possuem uma malha descontínua e fragmentada, restritas a orla da beira-mar continental. Desta forma modais alternativos aos automóveis são pouco incentivados no bairro. Por sua localização estratégica de acesso à ilha, e por ser um bairro tradicional e antigo, o Estreito é bem servido por linhas de transporte coletivo, tanto em direção à parte insular de

Florianópolis, como também à bairros e municípios vizinhos.

A ponte Hercílio Luz, importante para desenvolvimento viário do bairro Estreito, depois de um longo processo de reparo e restauração, tem previsão de reabertura para dezembro de 2019. O município de Florianópolis desenvolveu o “Ponte Viva”, que é um programa de intervenção no entorno imediato da Ponte Hercílio Luz, com projetos urbanísticos para as orlas das bacias norte e sul, tanto no continente quanto na parte insular. Está previsto também a qualificação de conjuntos de áreas verdes, implementação de serviços, espaços comerciais e museus da Ponte Hercílio Luz. A proposta é de ativação da ponte a malha urbana da cidade, com a implementação de uma rede cicloviária no continente que será ligada a rede de ciclovias do centro pela ponte, incentivando o uso da bicicleta e também de deslocamentos a pé, com a restauração de calçadas.

A área de intervenção está estrategicamente localizada à rua General Eurico Gaspar Dutra, próxima à Avenida Santos Saraiva e aos acessos à ilha. É importante salientar também a proximidade da Beira-mar Continental e como a área, se transformada em um equipamento público, pode funcionar como forte articulador entre o bairros e seu entorno e se estabelecer como um forte eixo de comunicação entre os moradores do continente, dada sua permeabilidade.

O Parque de Coqueiros, mesmo espacialmente próximo ao bairro não consegue ser acessado a pé pelos moradores do Estreito. É possível perceber que a estrutura viária impede que os espaços livres do continente conformem um sistema coeso. A circulação entre os espaços livres de referência urbana no bairro se encontram conectados apenas por ruas que priorizam o deslocamento de/por automóveis.

Área intervenção Via expressa/BR-282 Arteriais Coletoras Locais Ponte Hercílio Luz



FIGURA 09. Mapa Sistema Viário - Autora/2019

Lazer

O bairro Estreito, mesmo sendo um bairro tradicional em Florianópolis, possui poucos espaços destinados a convivência e lazer. As praças e academias ao ar livre estão associadas ao sistema viário e nas proximidades de ruas e avenidas movimentadas e de rápida circulação de automóveis. A permanência nesses espaços é dificultada dada a insegurança que a proximidades com carros e motocicletas em alta velocidade impõem e ao ruído sonoro que atrapalha momentos de interação humana. Há também no bairro o Bosque Pedro Medeiros, de quase vinte mil metros quadrados, com remanescentes de Mata Atlântica. A administração do Bosque opera em horário comercial de terça a domingo, período em que é possível visitar e usufruir do espaço.

A Beira-mar Continental, já se estabeleceu como im-

portante espaço de lazer e convívio, mesmo com pouco tempo desde sua qualificação para uso comunitário. Conta com pista de corrida e ciclovia, além de quadras, parquinho infantil e área para eventos ao ar livre. Mesmo fora dos limites do bairro Estreito, o Parque de Coqueiros no bairro vizinho de Coqueiros, atrai visitantes de todo o continente e é também usufruído pelos moradores do bairro Estreito.

Os espaços livres do continente não conformam um sistema coeso e a circulação de usuários desses espaços é comprometida, uma vez que o sistema viário se impõem como ruído na comunicação e acesso efetivo dessas áreas por pedestres e ciclistas, já que a hierarquia viária prioriza o deslocamentos de veículos e não necessariamente de pessoas.

“Toda a cidade tem um sistema próprio de espaços livres, resultante e específico de seu processo de formação, do desenvolvimento de seu arruamento, do parcelamento e formação dos quarteirões, da constituição da volumetria construída, das demandas e processos de produção da sociedade que aí se instala”

_CUSTÓDIO e col. (2013)

Área intervenção Áreas livres públicas Mar Ponte Hercílio Luz Forte São João do Estreito

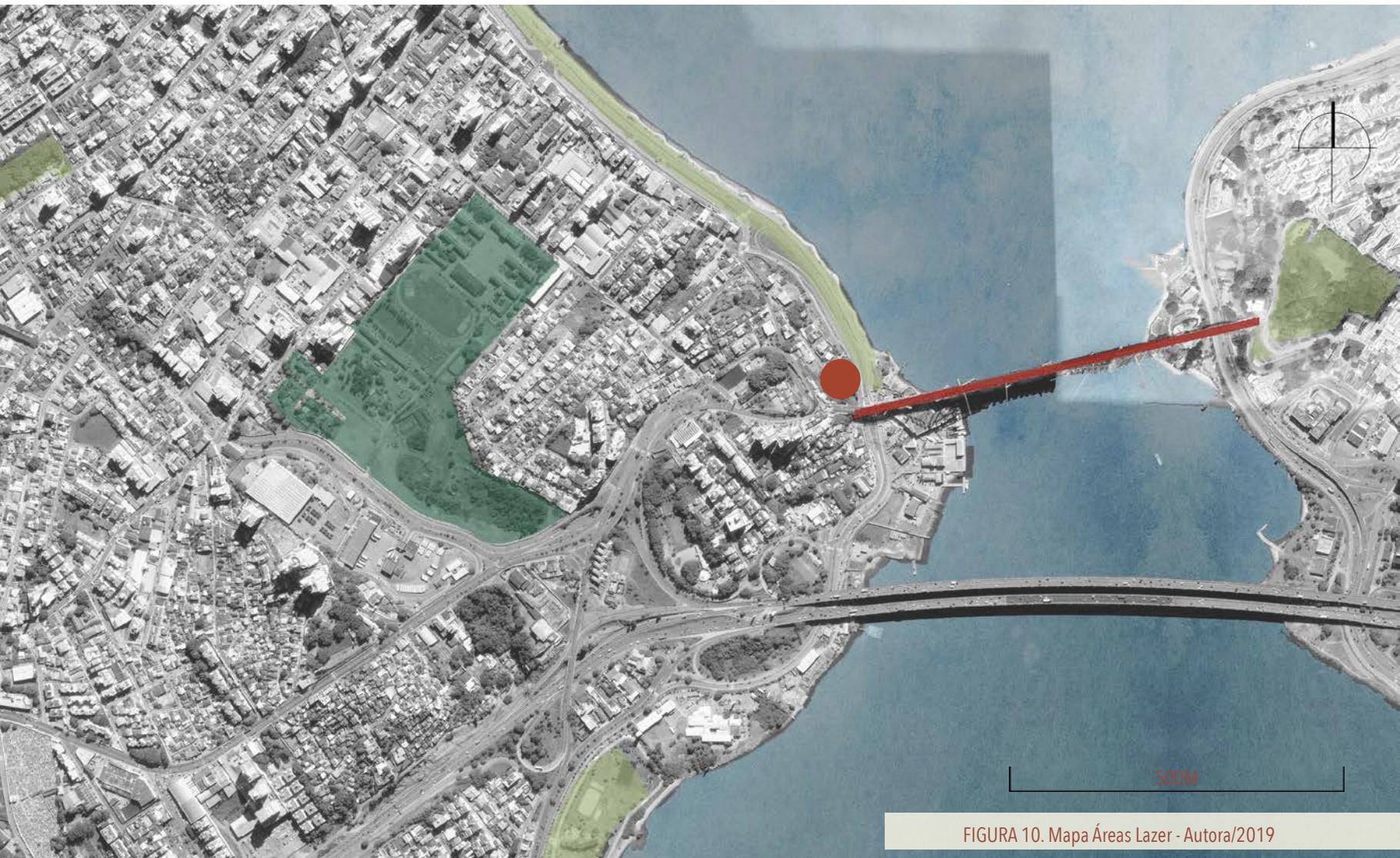


FIGURA 10. Mapa Áreas Lazer - Autora/2019

Legislação

O Plano Diretor de Florianópolis (Lei Complementar 482 - 17/01/2014) estabelece o aumento de gabarito para o bairro Estreito, com isso a previsão é que a população de moradores aumente consideravelmente nos próximos anos. Esse adensamento populacional não acompanha o planejamento de áreas públicas para lazer. É possível observar no Mapa de Zoneamento que as áreas destinadas às AVLS - Áreas verdes de Lazer são restritas e em geral sobras do sistema viário. O uso do solo prioriza o uso misto, acentuando o uso comercial nos eixos viários. Nas proximidades da área de intervenção há uma ZEIS - Zona Especial de Interesse Social. Ela se encontra fora do limite do bairro Estreito (linha tracejada cinza), mas que ainda assim merece destaque, uma vez que seus moradores, em geral em fragilidade social e financeira, podem fazer uso de um equipamento público de grande porte, como um parque urbano.

A área de intervenção é atualmente caracterizada no zoneamento do Plano Diretor como uma ACI - Área Comunitária/Institucional. Esta ACI é de propriedade do Exército Brasileiro e o acesso ao interior da área é restrito e controlado. A presença de um equipamento como o Batalhão de Caçadores no centro de uma área urbana estratégica para a cidade e com consideráveis potenciais cênicos e urbanístico é inconsistente e perde seu propósito, especialmente quando assinalado que a implantação do batalhão se deu em contexto pós-revolução de 1930, que difere da situação atual existente no país, de democracia e estabilidade política.

As edificações históricas, usadas como sede do 63 Ba-

talhão de Infantaria, são caracterizadas como de Preservação Cultural, e classificadas como APC.1*. O artigo 171 do Plano Diretor ainda discorre dos marcos referenciais, categoria em que figura o conjunto, que são "elementos construídos ou naturais, marcantes na paisagem ou de significado simbólico que devem ser preservados em sua integridade física e terem garantida sua visibilidade". A proposta deste estudo é de relocação do 63 Batalhão de Infantaria para outra área e eliminar os usos e atividades vinculadas ao exército, para viabilizar a implementação de um parque urbano no local. A intenção é preservar as edificações do complexo e destiná-las ao uso institucional cultural para a comunidade. Para tanto a função de ACI será combinada com a de AVL - Área Verde de Lazer, que "são os espaços urbanos ao ar livre de uso e domínio público que se destinam à prática de atividades de lazer e recreação, privilegiando quando seja possível a criação ou a preservação da cobertura vegetal". O lote não edificado será convertido em AVL.

A análise da legislação vigente leva em conta ainda que a área de intervenção caracteriza uma situação especial, uma vez que trata-se de uma área sob utilização do Exército Brasileiro, que conta com um regimento próprio na disposição de seus bens. O que não impede sua aquisição pela municipalidade ou mesmo doação da área, já que o exército pode "proceder a venda ou permuta de bens imóveis da União, de qualquer natureza sob sua jurisdição, cuja utilização ou exploração não atenda mais as necessidades do Exército".

*APC.1: Áreas de Interesse Histórico-Cultural destinam-se à preservação do patrimônio cultural, abrangendo o arquitetônico, artístico, paisagístico, tecnológico, urbanístico dentre outros, incluindo assentamentos, conjuntos, espaços, edificações, monumentos e objetos.

O Exército Brasileiro, em portaria publicada no Diário Oficial da União em 2016, cedeu ao município de Florianópolis a área do Forte São Luis, situado na esquina das avenidas Beira-Mar Norte e Mauro Ramos com a Rua Bocaiúva, para conversão em área pública. Em 09 de dezembro de 2015 foi publicada a Lei Complementar N° 538 que altera para Área Verde de Lazer (AVL) a Área Comunitária Institucional (ACI) do Forte São Luis e assim viabilizar a implantação da praça no local.

- (áreas de interesse histórico-cultural) APC
- (área verde de lazer) AVL
- (área comunitária institucional) ACI
- (área mista central) AMC
- (área mista residencial) ARM
- (zona de especial de interesse social) ZEIS
- (área turística de lazer) ATL
- (área mista de serviço) AMS



FIGURA 11. Mapa Zoneamento - Autora/2019

Morfologia Urbana

A forma urbana esta vinculada a seu suporte geográfico. Na análise da morfologia urbana é possível perceber a apropriação humana, com suas camadas históricas, construídas pela sociedade e seu reflexo na organização do espaço urbano. A paisagem construída “é o meio para compreender a estrutura da cidade ao mesmo tempo como continuidade histórica de um processo e como fenômeno parcial de tal continuidade” (PANERAI, 2014, p.124). Esta análise foi construída com o desenvolvimento de 04 mapas temáticos de elementos da forma urbana:

Público x Privado / Cheios e Vazios / Uso do Solo / Gabarito

“Paisagem é o suporte físico no qual se estrutura a sociedade cuja morfologia é resultante da interação entre a lógica própria dos processos do suporte (sistemas geológico e climático) e a lógica própria dos processos sociais e culturais (antrópicos)”

_ Magnoli

FIGURA 12. Fotografia aérea - David Isac Azevedo/2019



PÚBLICO E PRIVADO

O mapa exibe em preto as áreas privadas e em branco as áreas públicas e apresenta a consolidação do tecido urbano com uma predominância de lotes privados. Muitas áreas marcadas como privadas são propriedades públicas de acesso restrito, como é o caso da área de intervenção, que pertence ao Exército Brasileiro. A estrutura do traçado urbano mostra a prevalência de quadras grandes, que resultam em longos caminhos sem comunicações entre ruas, pouca presença de esquinas, configurando um caminho longo e monótono. Essa configuração permite perceber que o projeto de cidade não incentiva a vida pública em espaços livres por não garantir a presença (utilização) dessas áreas para a apropriação humana.



CHEIOS E VAZIOS

No mapa de Cheios e Vazios” as edificações estão em preto. Em branco é possível perceber toda a área livre de construção, tanto pública como privada. É notória a distribuição heterogênea das edificações. Há núcleos com edificações menores, mais próximas entre si, com aspecto granulado no desenho do mapa. Em contra ponto às edificações maiores, mais espaçadas. Há uma porção considerável de “vazios”, de espaços livres de edificações, como pode ser observado no mapa abaixo.



USO DO SOLO

É interessante observar na Figura 15 uma variedade de usos do bairro Estreito, especialmente pela quantidade de Áreas Institucionais, que se destacam na ocupação urbana. A presença de usos comercial/misto associadas à áreas residenciais tende a diversificar a vida urbana, garantindo a presença de pessoas em diferentes horários. O uso misto contribui para ampliar a vida ativa do bairro, conforme foi exposto no Capítulo sobre Leitura Urbana, embora não seja esta a realidade local. Ocorre que a zona de comércio, com suas grandes quadras, se impõe como barreira ao deslocamento pleno dos moradores pelo bairro, uma vez que a ocupação residencial se configura em núcleos de uso exclusivo. A tendência projetada pelo Plano Diretor é que as novas construções para o bairro mesclam usos comerciais e residenciais em torres com alto gabarito.



GABARITO

O gabarito em vias gerais pode ser considerado baixo, especialmente nas proximidades do lote de intervenção, variando de um a dois pavimentos. Apesar da previsão do crescimento vertical, impulsionado pelo plano diretor, e verificados nas torres altas do entorno (frutos de intervenções mais recentes), o limite de gabarito em frente ao lote, em direção a baía, é limitado em até oito pavimentos. A exceção acontece na Rua Santos Saraiva, onde a previsão de gabarito, com a compra de índices é superior. Nas proximidades da Ponte Hercílio Luz há algumas edificações de maior gabarito, que destoam do contexto paisagístico do entorno e se impõem como obstáculo visual, dada sua implantação tão próxima à Ponte Hercílio Luz, obstruindo uma vista que é patrimônio da cidade.



Leitura do Contexto Urbano

Para elaborar a leitura do contexto urbano foram realizados registros fotográficos de visitas ao local. Esses registros estão acompanhados de uma descrição pessoal da realidade registrada. A leitura do contexto urbano foi executada seguindo a metodologia de Leitura da Paisagem, desenvolvida por Gordon Cullen.

O percurso foi realizado na área perimetral do complexo do exército, como está assinalado no mapa abaixo (Figura 17).



IMAGEM A + IMAGEM B

As praças e os pequenos espaços públicos do entorno se encontram associadas ao sistema viário, próximas às ruas e avenidas de intenso movimento. Há uma pequena praça com parque infantil e uma academia (nas Imagens A e B), ambas com arborização não planejada, uma vez que não fornece sombra aos usuários, nem proteção visual e sonora da rua.



IMAGEM C + IMAGEM D

Os veículos trafegam em alta velocidade, deixando os transeuntes inseguros e desconfortáveis. As calçadas não são padronizadas. O caminho do pedestre é descontínuo e frequentemente surpreendido (interrompido) pela entrada e saída de automóveis, acessando lotes privados e estacionamentos que ocupam o local de passagem.

As ruas são pouco arborizadas e as sombras nas calçadas são resultado de eventuais marquises que se projetam sobre o caminho. No início da primavera, em setembro de 2019, a paisagem local apresentava características de clima árido, com sol forte e mormaço.



IMAGEM E: A rua General Eurico Gaspar Dutra conta com três pistas para automóveis em um único sentido. O trânsito é rápido e intenso. Há faixas para travessia de pedestres apenas junto aos cruzamentos de ruas, o que torna o deslocamento a pé mais longos e influencia diversas pessoas a se arrisquem na travessia ao longo da via, mesmo com o trânsito em movimento. Os passeios públicos são estreitos e em situações em que a parada de ônibus está implantada junto a calçada é frequente que pedestres desviem para dentro da via, para continuar seu percurso.

IMAGEM F: Na Rua Santos Saraiva existe outro acesso à área do exército, pelo edifício de preparação de oficiais da reserva. Ali estão as residências da vila de militares. As edificações estão elevadas do nível da rua, aproximadamente 1.50 metros de altura. Os muros das edificações foram erguidos no limite do passeio público, limitando a área de espaço para uso coletivo da rua, enquanto resguarda uma grande área interna de jardim privado.





IMAGEM G + IMAGEM H

Toda a lateral da vila militar é protegida por um alto muro de concreto com arame farpado no coroaamento por todo trajeto, que se estende da esquina da Rua Santo Saraiva com a Avenida Juscelino Kubitschek até o acesso de serviços da área militar.

As calçadas são estreitas, com calçamento irregular e inadequado para um passeio público. A larga faixa de rua, da Avenida Juscelino Kubitschek, de trânsito rápido e esporádico, separa os dois lados da via e não oferece locais seguros para a travessia de pessoas. As faixas de pedestre estão localizadas apenas junto a cruzamentos de vias e sinalizadas.

Não há comércios com fachadas ativas e nem mesmo residências com jardins no pátio frontal, essas áreas mesmo privadas poderiam ajudar a fomentar atividade urbana se recebessem tratamento adequado.

Há poucas pessoas na rua e durante o percurso, dadas as condições locais observadas e descritas acima, o caminhar se torna monótono e desinteressante, e um constante sentimento de insegurança acompanha o pedestre por todo o perímetro da área.



IMAGEM I + IMAGEM J + IMAGEM K

Na Avenida Juscelino Kubitschek há um acesso de serviço para veículos pesados, utilizados em treinamentos militares. Junto a esse acesso há uma via não pavimentada no interior da área, que circunda todo seu limite. Logo no acesso de automóveis é observado um considerável platô, onde atividades de manobra são realizadas. No limite dessa área plana é observado uma acentuada queda na topografia do terreno, formando um vale em seu interior. A diferença de nível existente na área proporciona uma conexão visual com as casas da vizinhança e permite que as novas torres (que começam a surgir dado o incentivo a verticalização imposta pelo plano diretor) sejam observadas, mas sem bloquear a vista.

Todo o perímetro da área é delimitado com muros, cercas e arame farpado. Ocasionais guaritas e recrutas fazendo ronda são observados no local.





IMAGEM L + IMAGEM M

Neste ponto está localizada a maior cota da área e também o local com o desnível mais abrupto da topografia. Isso pode ser observado uma vez que a via de circulação interna se encontra no ponto de menor largura, e logo no seu limite já é observado o início do desnível.

Esse é o ponto mais crítico para circulação de pedestres, já que o trânsito de automóveis se torna confuso, com vias rebaixadas e elevadas, que servem de acesso à cidade. A visibilidade de quem circula a pé pelo local é comprometida por robustas edificações próximas às esquinas, que com seu gabarito alto, impedem que o pedestre consiga antecipar a aproximação de veículos. O passeio público tem a menor dimensão registrada até então, e em alguns pontos apenas uma pessoa consegue se deslocar por ele, dada sua largura.

As empenas das edificações do entorno são um importante elemento na composição da paisagem local, e formam um paredão no limite da área e as casas da vizinhança.

04. REFERENCIAL PROJETUAL

A área de lazer e contemplação do parque ocupa a área central, com um grande gramado. Há também espaços de estar distribuídos por entre a vegetação, conformando pequenos refúgios, mais reclusos. As estruturas metálicas distribuídas pelo parque, além de tornar o caminhar mais interessantes com a mudança de altura e da relação de gabarito entre as árvores, também servem de mirante e permitem uma vista panorâmica do parque.



FIGURA 18. Aérea estar e contemplação - Katarina Holanda/2017

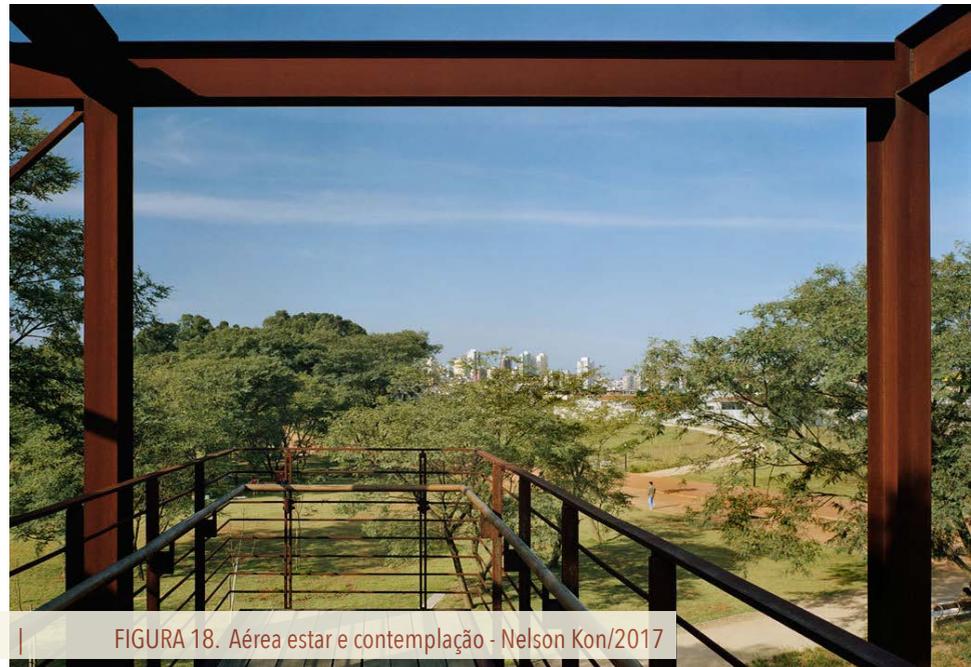


FIGURA 18. Aérea estar e contemplação - Nelson Kon/2017

Parque da Juventude

Ficha Técnica

Local
São Paulo, SP

Projeto
2002

Área
240 000 m²

Área de intervenção
90 000 m² (2ª fase)

Projeto Paisagístico
Rosa Grená Kliass

O Parque da Juventude está localizado em São Paulo-SP, no bairro de Santana, próximo a linha Carandiru do metrô, numa área com mais de 240 mil metros quadrados. Foi concebido no espaço ocupado pelo então Complexo Penitenciário do Carandiru, um lugar devastado, de imagem negativa, e que foi implodido em 2002, depois de sua desativação em 1999.

O projeto paisagístico de Rosa Kliass toma partido dos destroços das construções para criar uma nova topografia com pequenas elevações em um lote antes plano. “Do ponto de vista urbanístico, o extenso terreno com virtudes urbanas, conformado em área predominantemente residencial e comercial, entre importantes eixos viários da região, linha de metrô e ainda corpo d’água, o córrego Carajás, traz consigo fortes meios de ocupação” (PEREIRA, 2017).

O programa do Parque da Juventude abrange usos culturais e esportivos, além de um grande espaço livre para contemplação. A área é de fácil acesso e de alta permeabilidade urbana, servindo como conexão intra-bairro. No acesso leste estão localizadas as quadras de esporte e demais equipamentos voltados às práticas esportivas. No acesso

Oeste, próximo ao metrô, antigas instalações remanescentes do complexo prisional foram convertidas para o uso cultural, com biblioteca e escola técnica. Desta forma não há conflito de usos e ambas instalações podem funcionar concomitantemente. Essas duas “zonas” de uso são conectadas por uma grande área de gramados e vegetações, com caminhos arborizados. Ali não há um uso específico, sendo um local para contemplação e apropriação livre dos usuários.

Próxima ao leito do córrego Carajás há uma massa vegetativa mais densa. Ali também são encontradas antigas estruturas de um projeto de ampliação do Complexo Penitenciário do Carandiru, que foi interrompido antes de ser efetivamente finalizado. Esses remanescentes foram mantidos e convertidos em mirantes de uso público, permitindo um passeio por entre árvores.

A implementação do projeto ocorreu em três fases: Primeira etapa em 2003 com a implementação da área esportiva, com quadras poliesportivas e pistas de skate. A segunda etapa ocorreu em 2004, ocasião da abertura da parte central, com espaços de contemplação. A terceira etapa é instaurada em 2007 com a inauguração dos edifícios institucionais

Acesso Oeste - Uso Institucional

Foram mantidas e reformadas duas edificações remanescentes do Complexo Prisional do Carandiru para o uso de escola. A biblioteca está locada em uma nova edificação projetada especialmente para este uso. O complexo conta ainda com uma praça seca conectando os edifícios.

Acesso Leste - Uso Esportivo

Foram os primeiros equipamentos implantados no Parque da Juventude. É composto por quadras poliesportivas e pistas de skate, envoltas pelo projeto paisagístico de Rosa Kliass. "Com papel ativo, o projeto de Kliass estabeleceu a vegetação conformando planos de teto e pisos, isto é, as árvores laterais e suas coberturas conformaram espaços sombreados" (PEREIRA, 2017).

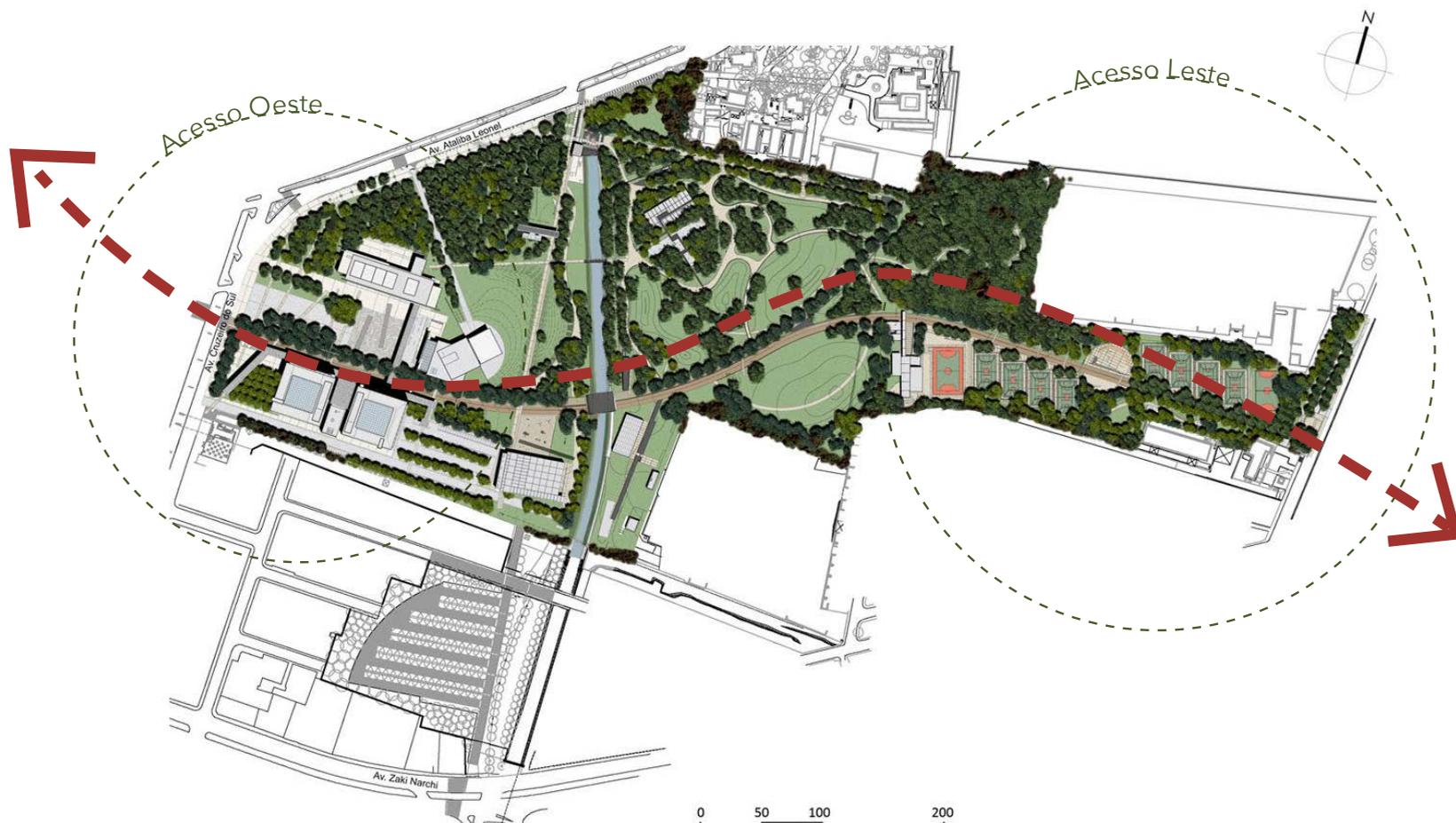


FIGURA 20. Planta baixa projeto - Afaló|Gasparini arquitetos



FIGURA 21. Acesso Oeste - Nelson Kon/2017

O acesso institucional está próximo a equipamentos importantes, como o metrô, e às residências e comércios do entorno. Logo a intervenção paisagística é mais sutil, o gabarito da vegetação é menor e o espaço se conforma como uma praça de chegada. No acesso esportivo a transição cidade-parque é mais brusca e as quadras poliesportivas já estão implantadas logo à entrada. Há uma massa vegetal que serve de “cortina” natural para proteção sonora e visual.



FIGURA 22. Área esportiva - Nelson Kon/2017



FIGURA 23. Área contemplação - Nelson Kon/2017

Parque Ribeiro do Matadouro

Ficha Técnica

Local
Tirso, Portugal

Área
1.54ha

Projeto
2013

Paisagismo
Oh!Land studio

O Parque Ribeiro do Matadouro está localizado na cidade de Santo Tirso ao norte de Portugal, entre a cidade de Porto e Guimarães. A área era um grande vazio urbano, alagadiço devido a presença de um córrego e hoje contempla um parque urbano de vinte mil metros quadrados, à duzentos metros do centro da cidade.

Logo no acesso há um estacionamento e uma biblioteca. Foram criados caminhos e ciclovias elevadas para permitir o deslocamento dos usuários por entre a vegetação e topografia acidentada, que percorrem toda a extensão do parque. Esses caminhos experimentam soluções de design e mobiliário que se transformam durante o percurso e tornam o deslocamento interessante e convidativo. Assim, a relação entre pessoas e vegetação é estreitada, criando espaços de interação social.

A topografia foi trabalhada para formar charcos naturais de caráter temporário para irrigação do parque, onde foram incorporadas vegetações aquáticas. A vegetação arbó-

rea existente foi reforçada com novas espécies, criando uma diferença de escala. Foram introduzidas espécies vegetais adaptadas ao solo e às condições climáticas da região. Os materiais aplicados na execução do projeto são recicláveis, de eficiência energética e baixa manutenção.

“O ato de converter este espaço num espaço público, com vertente pedagógica e democrática, consciencializa os utilizadores para as boas práticas ambientais, incentiva à interação com a natureza, e permite a criação de diferentes tipos de recreio para diversas classes sociais e etárias” (PARQUE RIBEIRO DO MATADOURO, 2015).

O projeto pode ser compreendido através das três componentes estruturantes: componente viva - a transformação da natureza local; malha ativa - caminhos que convidam e conectam usuários; utilizadores - um programa de necessidades livre que permite que o usuário se aproprie e signifique o local.

Biblioteca / Estacionamento



FIGURA 24. Planta baixa projeto - OH!Land Studio



FIGURA 25. Conexões em desnível - Victor Esteves/2015



FIGURA 26. Caminhos - Victor Esteves/2015

Ficha Técnica

Local
Rio de Janeiro - RJ

Projeto
1986

Projeto
Fernando Chacel
Luiz Emygdio

O parque da Gleba E, também conhecido como Condomínio Península, é resultado do projeto paisagístico de Fernando Chacel e Luiz Emygdio. Foi viabilizado por uma iniciativa público-privada, que garantia a recuperação ambiental de uma península lagunar em processo de desertificação, para a viabilização de condomínios residenciais, na Barra da Tijuca.

Para tanto foi utilizado o conceito de ecogênese, intencionando restaurar aspectos da natureza original e proteger a pequena porção de vegetação remanescente. Ecogênese pode ser definida como “método, defendido por Fernando Chacel e Luiz Emygdio de Melo Filho, utilizado para restituir condições ecológicas próximas das originais às áreas degradadas por ações antrópicas, com a reintrodução de elementos e associações do ecossistema primitivo.” (Rio de Janeiro: Fraiha, 2011).

Então foi realizado um inventário das espécies existentes no local e investigação sobre a vegetação original. Este

estudo prévio orientou a intervenção em três segmentos: modelo mangue, modelo restinga e modelo parque.

A execução foi iniciada com a recuperação do manguezal, o Modelo Mangue. Muitas mudas retidas foram captadas no local, o que acelerou o processo de intervenção na mata. Logo em seguida foi criada uma faixa de transição, o Modelo Restinga, com espécies própria deste bioma, com boa adaptação as condições ambientais da área. As espécies escolhidas para compor esse segmento são de baixo gabarito, o que permite que os usuários contemplem o mangue recuperado, sem acessá-lo. Por fim foi implantado o Modelo Parque, para finalizar as intervenções ambientais e fazer a transição entre a área recuperada e os condomínios residenciais. Sempre se apropriando de espécies adaptadas as condições ambientais existentes e de bom convívio com a vegetação local.

O projeto não foi executado em sua totalidade e muitas intervenções realizadas após sua finalização acabaram descaracterizando o desenho inicial proposto para a Gleba E.



FIGURA 27. Situação inicial



FIGURA 28. Processo de recuperação ambiental

A primeira imagem (Figura 27) mostra a península e a grande área degradada da Gleba E. Havia pequenos remanescentes de vegetação original, principalmente nas bordas do limite com a água. Na segunda imagem (Figura 28), após um inventário das espécies existentes, a recuperação ambiental foi iniciada, fortalecendo os remanescentes de mangue e recriando uma faixa de restinga. Ao lado, na figura 29, está o "modelo parque" implantado com a recuperação ambiental do local.



FIGURA 29. Modelo Parque

05. PARTIDO GERAL

Com o levantamento de referenciais teóricos e análise da área foi possível compreender o processo de formação da estrutura urbana atual do bairro Estreito e seu reflexo na dinâmica social ali estabelecida. A proposta do presente estudo está vinculada à transferência do 63o Batalhão de Infantaria do bairro Estreito e desativação das atividades relacionadas ao uso militar da área. O espaço será revertido para uso público coletivo, dando origem a um grande parque urbano para a cidade de Florianópolis e em especial para o bairro Estreito.

A principal premissa urbana para implementação do parque é gerar uma continuidade de espaços livres no continente, conectados e estruturados, ancorados na área destinada ao novo parque, com conexão à Ponte Hercílio Luz e assim à Ilha de Santa Catarina. Avenidas e ruas, com passeios públicos pavimentados e ciclovias bem estruturadas, podem formar corredores verdes nos quais os habitantes pode mover-se entre um pontos diferentes da cidade.

O acesso à área de intervenção acontece por importantes vias do continente e pode ser aproveitada como potencial espaço de conexão interna no bairro Estreito. O desenho e organização do parque tem a intenção de desenvolver um espaço de diversidade, para apropriação plena do público e criar relações de proximidade entre espaços e zonas distintas do bairro, sendo possível desenhar assim uma rede

de conexão que permita uma comunicação mais efetiva entre os espaços livres públicos do continente entre si e com a ilha de Santa Catarina.

A principal condicionante física da área é sua topografia acentuada, que enquanto oferece potencias cênicos e projetais, também pode se impor como barreira dificultando o deslocamento de usuários pelo parque.

A questão histórica de formação da área é tão importante para a concepção do partido quanto as questões contemporâneas e o cuidado com o futuro, ou ao potencial que a área oferta para o futuro. As edificações da sede, além de ponto de referência e centralidade no bairro Estreito, são importantes elementos confortadores da paisagem urbana local, por isso foram incorporadas ao partido servindo como sede cultural para o parque. Quatro edificações serão reservadas para uso educacional: escola técnica, acompanhamento escolar e atividades contra-turno. O edifício logo a frente, no acesso principal na rua General Eurico G. Dutra será reservado para os setores administrativos e também recepção/informações e demais funções pertinentes. Por fim, a edificação de um pavimento, mais ao fundo, será transformada em um armazém cultural com estar coberto, mesas de jogos e estudos, que conecta o pátio interno com o grande gramado ao fundo.

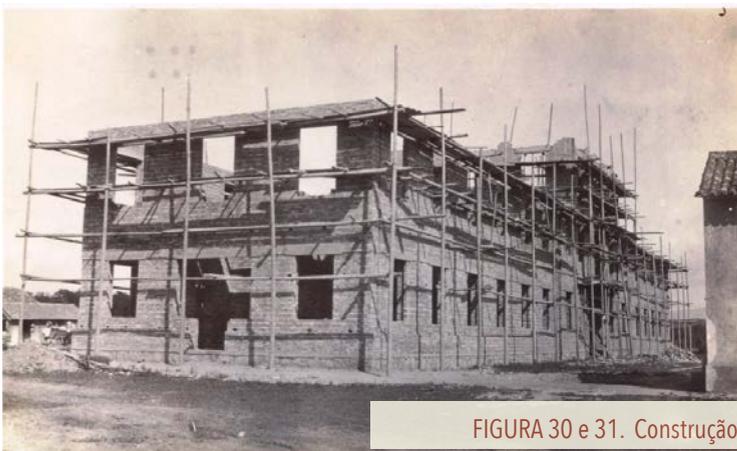


FIGURA 30 e 31. Construção da sede do 63o Batalhão de Infantaria - 63o Batalhão de Infantaria//Década de 1930

O conjunto da sede administrativa do 63o Batalhão de Infantaria é composta por cinco edificações de 03 pavimentos mais uma edificação térrea. Todo o conjunto, em alvenaria portante, data da década de 1930. A implantação segue uma orientação ortogonal e a disposição das edificações forma um pátio interno. O acesso principal acontece pela Rua General Eurico Gaspar Dutra, onde estão localizados também os estacionamentos do conjunto.



FIGURA 32. - Fotografia Aérea - 63o Batalhão de Infantaria/Sem data

Premissas

Realizar o tombamento legal da área: Reconhecer seu valor histórico e cultural e, em um regime jurídico especial, garantir o cumprimento de sua função social e seu caráter público. Garantir a preservação da história local e a manutenção da área para desenvolvimento da qualidade de vida dos moradores da região metropolitana de Florianópolis.

Considerar a reabertura da Ponte Hercílio Luz (impacto no sistema viário e na criação de novos fluxos de pessoas) . Tomar partido da reativação da ponte para integrar (com passeios públicos, ciclovias e transporte coletivo) os espaços livres públicos do continente com a ilha de Santa Catarina;

Conectar os espaços livres públicos do continente com uma rede cicloviária em avenidas arborizadas (corredores verdes). Requalificar a Avenida Juscelino Kubitschek, incorporando as AVLs do entorno ao seu traçado, em um grande passeio arborizado, com tratamento adequado a pedestres e ciclistas;

Nova conexão intra-bairro através do parque. Desapropriar áreas privadas para abertura de vias (possibilitar a conexão direta entre as comunidades do entorno e a beira-mar continental);

Converter o hotel de trânsito da 14a Brigada de Infantaria Motorizada, a área de lazer Silva Paes e as residências da vila militar de oficiais do complexo do 63o Batalhão de Infantaria do exército em um Centro de Apoio para pacientes em tratamento fora de domicílio, uma vez que a área está localizada entre o Hospital Regional de São José, Hospital Florianópolis e os hospitais do centro/ilha de Florianópolis;

Transformar lote do exército em frente a Ponte Hercílio Luz em um mirante de uso público.

Diretrizes Gerais

Manter e preservar edificações históricas do 63o Batalhão de Infantaria, com novo uso comunitário cultural;

Promover a reabilitação ambiental da área, com preceitos da ecogênese, resgatando aspectos da natureza original local, com espécies de vegetação nativa;

Criar conexões internas no bairro Estreito, com os caminhos do parque;

Criar áreas para práticas esportivas de diversas modalidades;

Criar áreas de estar, com mobiliário atrativo e confortável, que incentivem a permanência e apropriação do espaço público;

Criar áreas para contato com a natureza, com trilhas ecológicas, circuitos de caminhadas e estar.

Possibilitar, com a reabilitação ambiental da área e o plantio de árvores frutíferas, um ambiente propício para estabelecimento de fauna urbana.



FIGURA 33. Diretrizes Gerais - Autora/2019

Perfil Vias

As vias do entorno operam num sistema binário de trânsito e as Rua Santos Saraiva e General Eurico Gaspar Dutra possuem sentido único para fluxo de automóveis. O perfil de via projetado pelo plano diretor do município de Florianópolis (não executado) prevê a implementação de ciclovia e canteiros, para ambas as ruas, além de acostamento para a pista de automóveis. Esse desenho é coerente com a proposta para o entorno e será mantido desta forma.

A avenida Juscelino Kubitschek recebe uma nova proposta de perfil, diferente do que estabelece o plano diretor. A pista para automóveis foi diminuída para receber ciclovias em vez de ciclofaixas e o canteiro central serve também como passeio público para pedestres.

Rua Santos Saraiva Rua General Eurico Gaspar Dutra

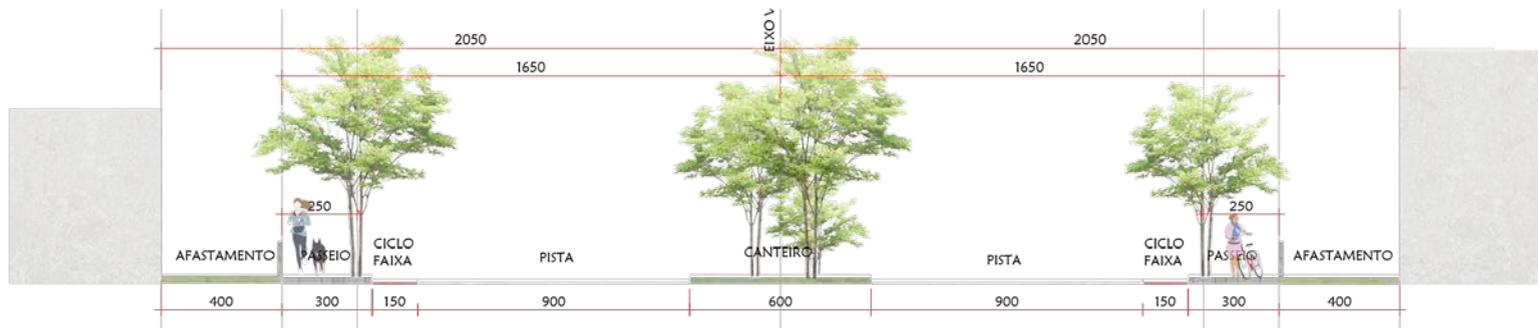


PERFIL VIA ESTABELECIDO PELO PLANO DIRETOR
Escala 1/250

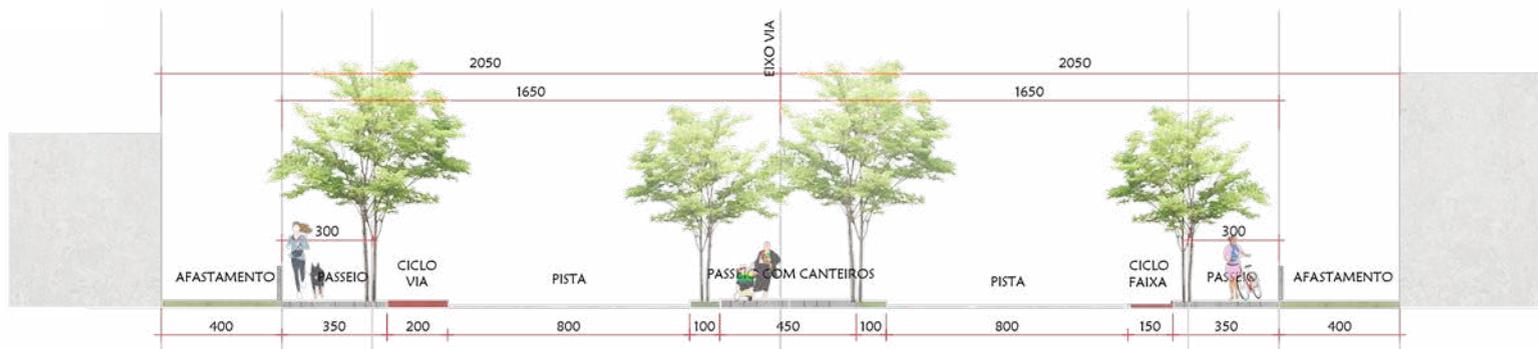


TRECHO VIA ESTABELECIDO PELO PLANO DIRETOR
Escala 1/250

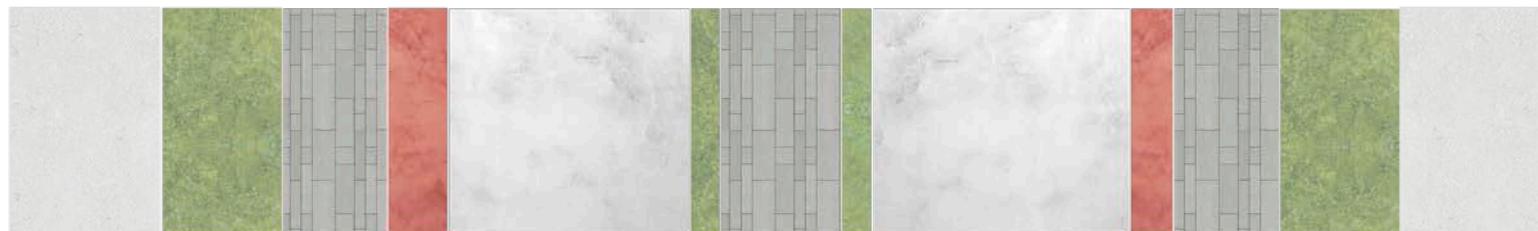
Avenida Juscelino Kubitschek



PERFIL VIA ESTABELECIDO PELO PLANO DIRETOR
Escala 1/250



PERFIL VIA PROPOSTA
Escala 1/250



TRECHO VIA PROPOSTA
Escala 1/250

Programa de Necessidades

O projeto do parque urbano está estruturado em 04 Zonas distintas, cada uma com um uso e enfoque próprio: Zona Cultural/Educacional, Zona Ecológica, Zona Esportiva e Zona de Lazer/Recreação. Cada zona contém usos específicos, que foram determinados em decorrência do diagnóstico da área e das carências e expectativas locais. Assim o programa de necessidades fica estabelecido da seguinte forma:

ZONA CULTURAL

Escola Coletiva - Instituto educacional público com atividades extra curriculares para crianças e adolescentes em contraturno escolar.

Escola Técnica - Cursos profissionalizantes ofertados no período noturno

Biblioteca Pública - Novo núcleo da Biblioteca Municipal do Estreito

ZONA ECOLÓGICA:

Regeneração ambiental - recuperação de aspectos da natureza original do local, com vegetação densa, de acesso restrito

Bosque - massa arbórea com acesso público, presença de trilhas e passeios ecológicos

Lago - paisagismo ornamental com espaço de estar e contemplação (lago artificial alimentado por nascentes recuperadas)

ZONA ESPORTIVA

Quadras poliesportivas

Pista de caminhadas

Pista de skate

Academia ao ar livre

ZONA DE LAZER/RECREAÇÃO

Áreas de acesso com estares

Área de permanência/convivência

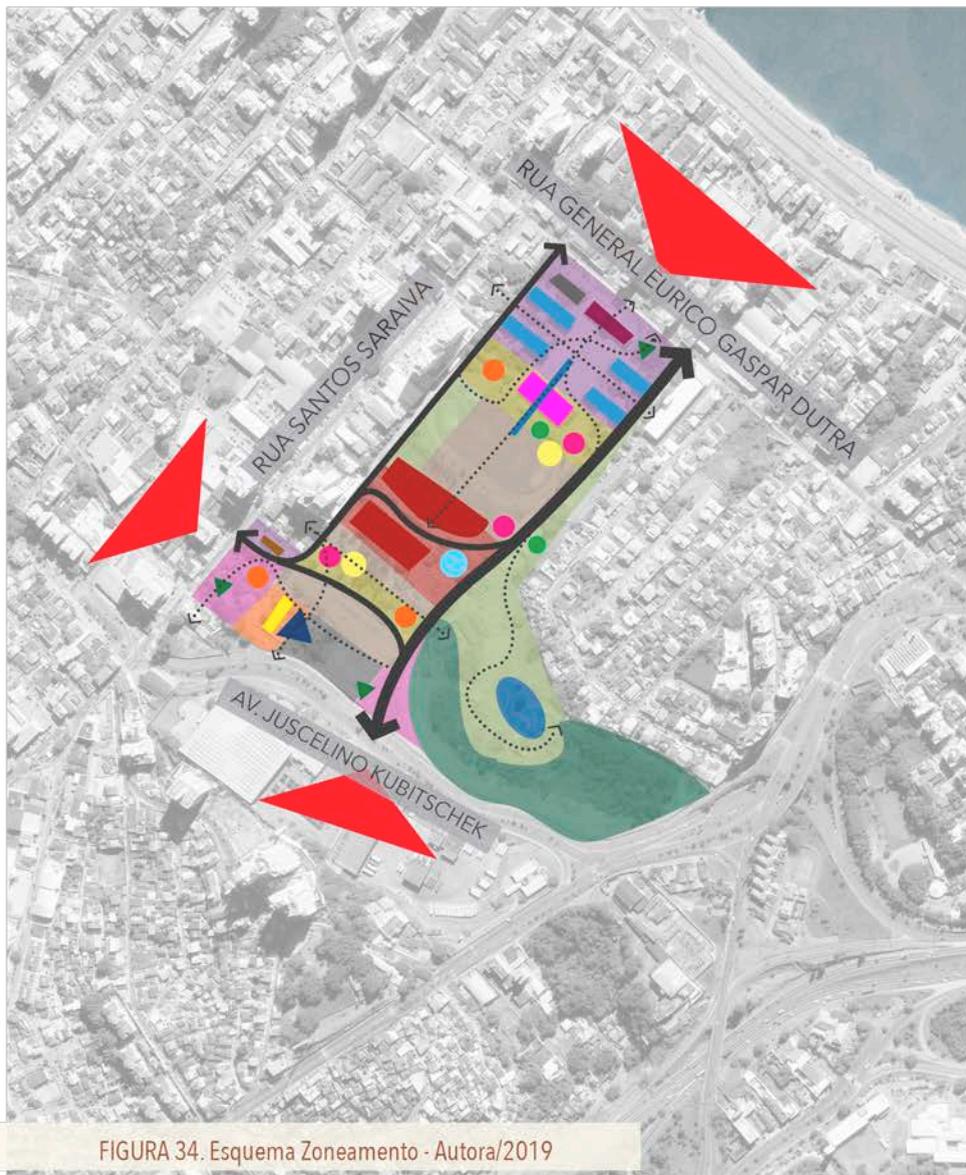
Área de piquenique

Parque infantil

Jogos de mesa

O parque possui 03 acessos com bicicletários. O estacionamento pode ser acessado pela Avenida Juscelino Kubitschek e pela Rua Santos Saraiva. Nesta área também está localizado o vestiário e sanitários públicos. No acesso da Rua General Gaspar Dutra há um pequeno estacionamento técnico de uso exclusivo para ambulâncias, polícia, corpo de bombeiros, etc.

Zoneamento



- ▲ ACESSOS
- CAMINHOS
- ... FLUXOS

- ZONA CULTURAL**
- ESCOLA
- RECEPÇÃO + ADMINISTRAÇÃO
- BIBLIOTECA

- ZONA ECOLÓGICA**
- REGENERAÇÃO AMBIENTAL
- BOSQUE
- LAGO

- ZONA ESPORTIVA**
- QUADRAS POLIESPORTIVAS
- PISTA SKATE
- ACADEMIA AO AR LIVRE

- ZONA LAZER/RECREAÇÃO**
- PARQUINHO INFANTIL
- MESAS PARA JOGOS
- ÁREA PIQUINIQUE
- ESTAR COBERTO
- ESTAR ACESSO
- ESPELHO D'ÁGUA
- GRAMADO

- ▲ VESTÁRIOS
- SANITÁRIOS
- ▲ BICICLETÁRIOS
- ESTACIONAMENTO PARQUE
- ESTACIONAMENTO TÉCNICO

FIGURA 34. Esquema Zoneamento - Autora/2019

A intenção é fomentar o uso do parque em diversos horários. Com a sede cultural funcionando em diferentes turnos (matutino, vespertino e noturno), próxima a residências e comércios, o uso do espaço público é incentivado e a intenção é uma nova dinâmica urbana seja estabelecida no bairro. No acesso oposto, no setor esportivo, o uso do entorno próximo é misto de serviços, assim eventuais ruídos vindo das quadras poliesportivas não atrapalham a vizinhança.

No acesso pela rua Santo Saraiva será implantada a nova sede biblioteca municipal. Junto a ela haverá uma área de estar vegetada serve de apoio aos usuários do parque e pode ser utilizada por trabalhadores do entorno durante os horários de folga ou intervalos. O estacionamento do parque pode ser acessado pela biblioteca ou pela avenida Juscelino Kubitscheck. Esse espaço também pode ser utilizado para feiras e eventos.

Não há necessidade em definir formalmente todos os espaços vazios do parque, permitindo assim que grandes

gramados conectem acesos e usos distintos, permitindo uma polivalência nos usos. As áreas de gramado também servem como artifício para ligar diferentes níveis, já que o maior desafio que o contexto físico-ambiental impõem é o acentuado desnível existente na área do parque.

Espécies vegetais nativas, dos biomas originários, serão utilizadas na área de recuperação ambiental. A intenção é que, seguindo os preceitos da ecogênese, uma nova natureza se estabeleça no local, junto de espécies de boa adaptação ao clima e demais condicionantes ambientais.

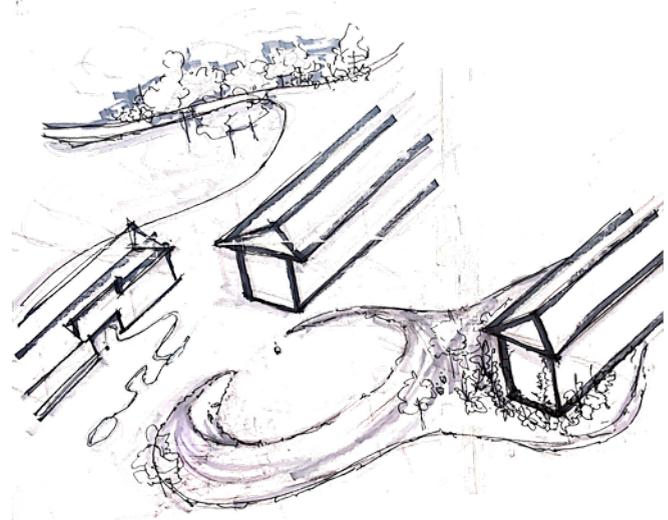
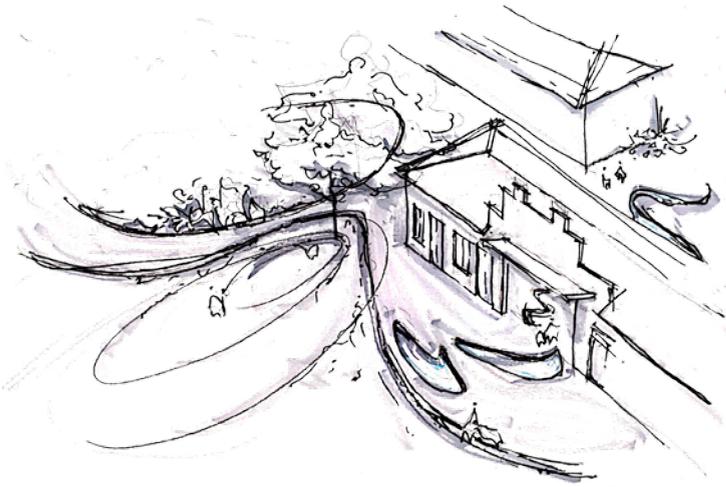
As edificações históricas serão adaptadas ao novo uso. No pátio interno diferentes acabamentos de piso marcam a transição entre usos distintos. Os muros e grades que cercam a área serão eliminados, desta forma uma grande calçada pública se forma em frente ao complexo. Nos acessos serão implantadas áreas de estar com mobiliário urbano lúdico e confortável, para despertar a curiosidade e servir de convite para uso e permanência.



IMPLANTAÇÃO
 Escala 1/5000



ACESSO PRINCIPAL



A intervenção junto ao conjunto histórico segue uma proposta de pátio interno, com canteiros ornamentais, algumas árvores de médio porte, para sombra e eventuais frutos, com um anfiteatro de grama no centro. Os 04 blocos centrais abrigarão os as salas de aula e demais atividades pertinentes ao uso educacional. O bloco principal, logo no acesso da Rua General Eurico Gaspar Dutra, receberá o setor administrativo, recepção e secretaria do parque. Por fim o bloco menor,

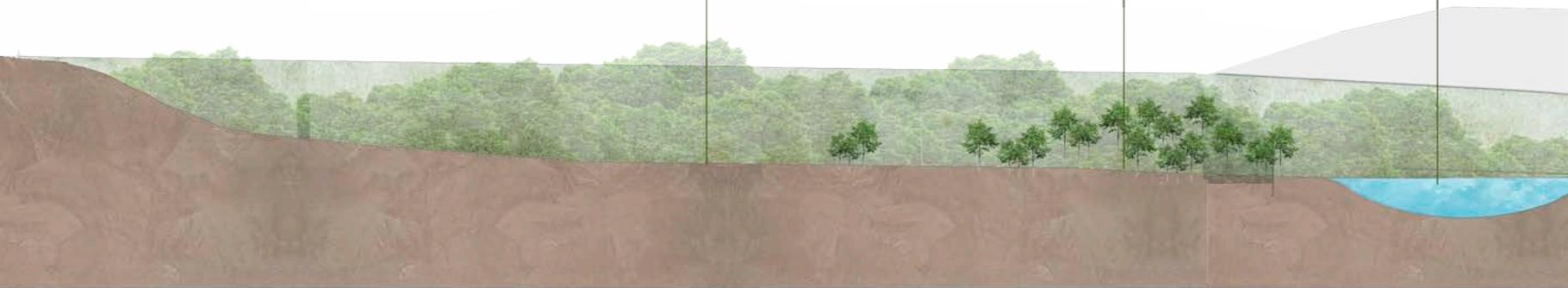
de um pavimento, será transformado em uma área de estar pública e coberta, com espaços de estudo leitura e descanso. Um espelho d'água, de traçado orgânico se estende desde o anfiteatro no pátio central até o grande gramado central do parque. Ora o espalho d'água se alarga, formando pequenas piscinas, ora se estreita para permitir a travessia dos usuários, enquanto atravessa os edifícios do complexo cultural.

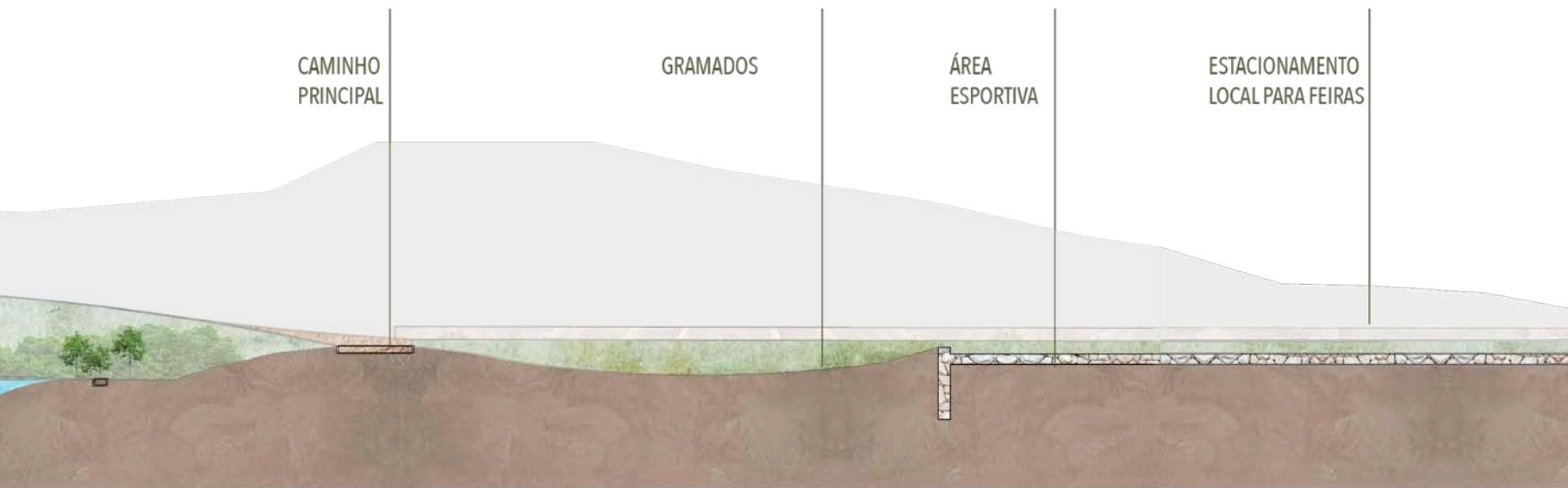


RECUPERAÇÃO
AMBIENTAL

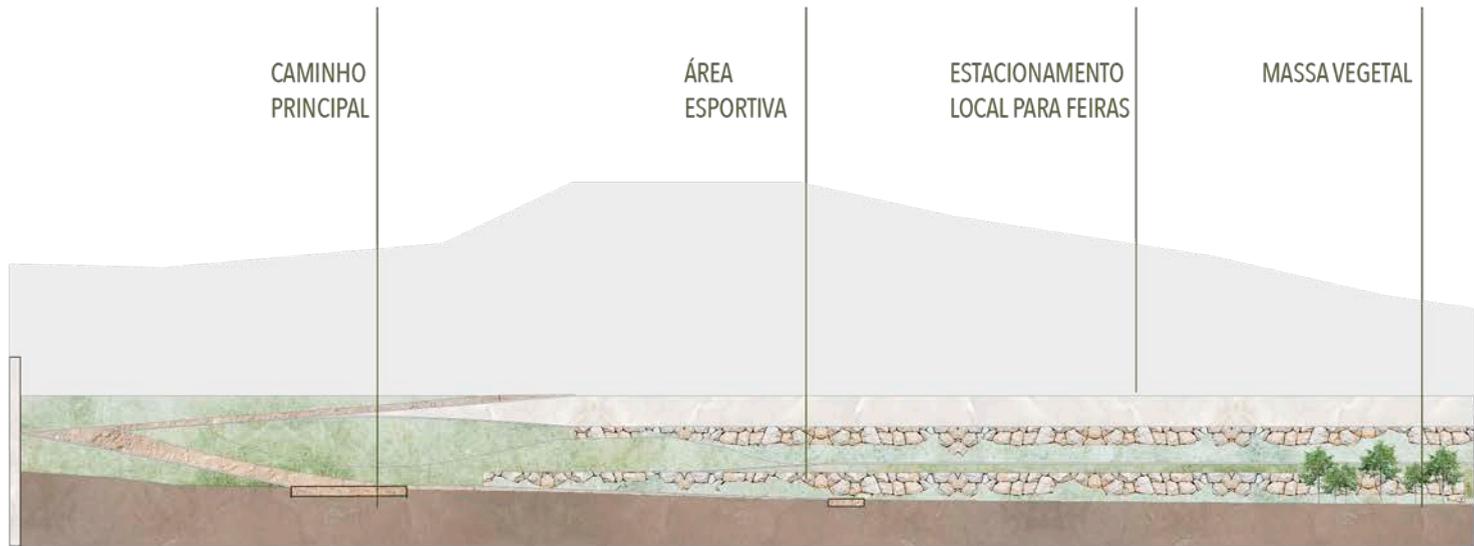
BOSQUE

LAGO





CORTE 01
Escala 1/2500



CORTE 02
Escala 1/2500



CORTE 03
Escala 1/2500

Os caminhos seguem a topografia e acompanham os desníveis. Algumas curvas de nível foram alteradas para suavizar o caminho e facilitar o deslocamento dos usuários. Um grande gramado se estende pela faixa central do parque e serve de conector entre áreas e usos distintos, permitindo uma apropriação livre do usuários.





Na área ambiental a massa de recuperação vegetal aparece mais densa, com árvores de grande e médio porte. A intensão é que este local não seja acessado pelos usuários do parque.

Os usuários poderão acessar as trilhas ecológicas delimitadas na área do bosque. Essa é uma zona de transição, onde o gabarito da vegetação começa a diminuir e as árvores estão com espaçamento maior entre si, permitindo que clareiras iluminem os caminhos com a luz solar.

Nas proximidades do lago, que será ampliado, pistas e caminhos elevados permitem que os usuários caminhem pelo local e se aproximem da água.



05. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo histórico de ocupação e transformação urbana do bairro Estreito conformou uma paisagem que resultou em uma cena urbana empobrecida, com ruas esvaziadas de pessoas e poucos lugares vegetados para viabilizar o encontro e o convívio humanizado aos moradores.

O bairro Estreito, região continental de Florianópolis, sofreu intenso adensamento populacional nas últimas décadas. A intensificação populacional ocorreu sem ter havido criação de zonas de lazer, de esporte e convivência.

A partir da elaboração de estudos e diagnósticos do bairro Estreito foi possível destacar propostas conceituais e projetuais para a área de intervenção. A existência de espaços livres destinados para o lazer se encontram fragmentados no bairro Estreito. Este trabalho busca catalizar um desejo coletivo de transformação da realidade local mediante proposta para melhorar a qualidade de vida dos moradores. Neste sentido, a utilização dos espaços públicos destinados à convivência e lazer resgatam a humanização e vitalidade urbana no bairro.

A proposta de implementação de um parque urbano na área surge como elemento articulador desses espaços livres voltada ao propósito de humanização da convivência. A área do 63o Batalhão de Infantaria se destaca por sua grande dimensão e excelente localização. Proporciona fácil acesso aos moradores do bairro e do continente, inclusive por meio de transporte coletivo. Sua proximidade à Ponte Hercílio Luz torna possível eficiente comunicação dos espaços livres públicos do sistema ilha-continente.

A sequência deste trabalho no final da graduação contemplará um desenho paisagístico detalhado (anteprojeto) da implantação da proposta de criação do parque urbano, contemplando cortes técnicos, simulação de cenários e escolha de espécies vegetais para a proposta paisagística ambiental.

06. REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Sérgio Luís. Espaço público: do urbano ao político. São Paulo: Annablume; fapesp, 2008.

AZEVEDO, Nathan. Paisagem em Transformação: Sistema de Espaços Livres Estreito, Canto e Balneário Florianópolis-SC. Florianópolis: UNISUL, 2019.

CASA DA MEMÓRIA. Prefeitura Municipal de Florianópolis.

CHACEL, Fernando Magalhães. Paisagismo e ecogênese. Rio de Janeiro: Fraiha, 2001.

CURADO, Mirian Mendonça de Campos. Paisagismo contemporâneo: Fernando Chacel e o conceito de ecogênese. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2007

CUSTÓDIO, Vanderli, et al. Sistemas de espaços livres e forma urbana: algumas reflexões, 2013. Encontro da associação nacional de programas de pós-graduação e pesquisa em planejamento Urbano e Regional. São Paulo: Anpur, 2013. 16p.

CUSTÓDIO, Vanderli; de Arruda Campos, Ana Cecília; Soares Macedo, Sílvio; Fernandes Queiroga, Eugenio. Espaços livres públicos nas cidades brasileiras. Revista Geográfica de América Central, vol. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 1-31 Universidad Nacional Heredia, Costa Rica.

DAMIÃO, Carlos. Quando a Ilha de Santa Catarina avançou para o continente próximo. Disponível em: <https://ndmais.com.br/blogs-e-colunas/carlos-damiao/quando-a-ilha-de-santa-catarina-avancou-para-o-continente-proximo/> Acesso de setembro DE 2019

DAMIÃO, Carlos. Mobilidade é problema antigo na Capital. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/blogs-e-colunas/carlos-damiao/memoria-de-florianopolis-mobilidade-e-problema-antigo-na-capital/>> Acesso de setembro de 2019

DIAS e col. Sistema de espaços livres nas cidade brasileiras - Um debate conceitual. Paisagem Ambiente: ensaios - n. 26 - São Paulo - p. 225 - 247 - 2009.

Entrevista: Fernando Chacel. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/05.017/3333> > acesso outubro de 2019.

Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil / Ivete Farah, Mônica Bahia Schlee, Raquel Tardin (organizadoras). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

GEHL, Jan. Cidade Para Pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2015.

IBGE. Dados gerais município Florianópolis. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/panorama>> Acesso outubro 2019.

JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

LEI No 5.651, DE 11 DE DEZEMBRO DE 1970. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1970-1979/L5651.htm> Acesso setembro 2019

LEI COMPLEMENTAR Nº 538, DE 09 DE DEZEMBRO DE 2015. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-complementar/2015/53/538/lei-complementar-n-538-2015-altera-o-zoneamento-de-uso-e-ocupacao-do-solo-definido-pela-lei-complementar-n-482-de-2014-na-area-da-praca-forte-sao-luis>> Acesso outubro 2019.

LUIZ, Karine dos Santos. Processo de transformação dos bairros estreitos e balneais na região continental de Florianópolis a partir da leitura do plano diretor. Dissertação de mestrado em arquitetura e urbanismo. Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

MACEDO, S., Queiroga, E., Galender, F., Campos, A. C. de, Custódio, V., Degreas, H., & Gonçalves, F. (2012). Os Sistemas de Espaços Livres na Constituição da Forma Urbana Contemporânea no Brasil: Produção e Apropriação (QUAPÁSEL II). Paisagem E Ambiente, (30), 137-172.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Espaço Livre - objeto de trabalho. Paisagem e Ambiente, São Paulo, V21, p.175-198, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/paam/issue/view/3333/showToc>> Acesso agosto 2019.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. O PARQUE NO DESENHO URBANO. Paisagem Ambiente: ensaios - n. 21 - São Paulo - p. 199 - 214 - 2006

PANERAI, Phillippe. O retorno à cidade: o espaço público como desafio o do projeto urbano. Projeto, São Paulo, abr.1994.

Parque Ribeiro do Matadouro / Oh!Land studio [Ribeiro do Matadouro Park / Oh!Land studio] 01 Dez 2015. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/778055/parque-ribeiro-do-matadouro-oh-land-studio>> Acesso outubro 2019.

PEREIRA, Matheus. "Parque da Juventude: Paisagismo como ressignificador espacial" 04 Out 2017. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/880975/parque-da-juventude-paisagismo-como-ressignificador-espacial>> Acesso outubro 2019.

POPULAÇÃO FLORIANÓPOLIS 2015. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/sistemas/saude/unidades_saude/populacao/uls_2015_index.php> Acesso outubro 2019.

PONTE VIVA. Disponível em: <ponte-viva.webflow.io>. Acesso em: 13.Set.2018. PMF. Plano Diretor de Florianópolis. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2014.

PRETO, Maria Helena de Fátima. Sistema de espaços livres públicos: uma contribuição ao planejamento local. Dissertação de Mestrado - FAU-USP. São Paulo, 2009.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras. RESGATE - vol. 19, Nº 21 - jan./jun. 2011. Disponível em :< <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/viewFile/8645703/13003>> Acesso agosto 2019.

QUEIROGA, E., & Benfatti, D. (2007). Sistemas de espaços livre urbanos: construindo um referencial teórico. Paisagem E Ambiente, (24), 81-87. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i24p81-87>.

ROLNIK, R. . O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000. Disponível em: <<https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2009/08/lazerhumanizaespacourbano.pdf>> acesso setembro 2019.

SAKATA, Francine Gramacho. Parques Urbanos no Brasil - 2000 a 2017. Tese de doutorado em arquitetura e urbanismo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

SEGRE, Roberto. Espaço público e democracia: experiências recentes nas cidades de América Hispânica, disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.060/461>> Acesso setembro 2019.

SCHLEE, M., Nunes, M. J., Rego, A., Rheingantz, P., Dias, M. Ângela, & Tangari, V. (2009). Sistema de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras - Um Debate conceitual. Paisagem E Ambiente, (26), 225-247.

SEGRE, Roberto. Espaço público e democracia: experiências recentes nas cidades de América Hispânica, disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.060/461>> acesso setembro 2019.

SENNETT, Richard. O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SOARES, Iaponan. Estreito, vida e memória de um bairro. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990.

63 Batalhão de Infantaria. Disponível em: <<http://www.63bi.eb.mil.br/historico>> Acesso setembro 2019

